



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**ALESSANDRA OLIVEIRA CELESTINO**

**ANA MARIA MACHADO: OS MENINOS QUE MORAM  
EM SUAS HISTÓRIAS**

Salvador  
2009

**ALESSANDRA OLIVEIRA CELESTINO**

**ANA MARIA MACHADO: OS MENINOS QUE MORAM  
EM SUAS HISTÓRIAS**

**Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia, sob orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Lícia Maria Freire Beltrão, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.**

Salvador  
2009

**ALESSANDRA OLIVEIRA CELESTINO**

**ANA MARIA MACHADO: OS MENINOS QUE MORAM  
EM SUAS HISTÓRIAS**

**Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduada em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.**

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Lícia Maria Freire Beltrão - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Luciene Souza Santos

---

Prof Luiz Felipe Santos Perret Serpa

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus amados pais e, em especial a Luís, meu companheiro de alma, pela confiança depositada em mim, estando sempre ao meu lado, fazendo de tudo para que eu pudesse chegar até aqui;  
Minha eterna gratidão.

À Profª Drª Lícia Beltrão, pela orientação, pelo apoio, pela dedicação e pelos conhecimentos compartilhados,

Aos professores Luciene Souza Santos e Luiz Felipe Santos Perret Serpa por comporem a banca examinadora, e pelas contribuições destinadas a nossa pesquisa.

Meus agradecimentos.

Será igualmente inesquecível ao ouvinte.  
Uma experiência marcante que o tempo não  
conseguirá destruir. Ouvir contar e sentir que  
aquela leitura é um presente, uma iniciação  
a algo precioso, um ato de amor.

Ana Maria Machado, 2002

## RESUMO

O presente estudo de caráter bibliográfico objetiva, responder a curiosidades intelectuais minhas e oferecer elementos para que o leitor (principalmente estudante/professor principalmente ou o que se encontra em situação leitora escolar) possa conhecer os personagens masculinos que protagonizam as obras de Ana Maria Machado, para tanto, tomando a leitura, na perspectiva polissêmica, como procedimento metodológico de pesquisa, selecionamos intencionalmente, visando à constituição de um corpus de análise, seis obras da produção literária da autora, considerando a década de 70, início da sua produção para o público infantil. Este estudo bibliográfico, do ponto de vista de uma revisão teórica, percorre os caminhos da Literatura Infantil desde seus primórdios, passando pela Literatura Infantil brasileira até chegarmos às obras de Ana Maria para conhecer seus meninos; todo esse percurso foi embasado por autores como Ana Maria Machado, Regina Zilberman, Nelly Novaes Coelho, Maria Alice Faria e outros, que possibilitaram a discussão necessária para a construção dos capítulos que compõem o estudo. Os resultados revelaram meninos que, fazendo uma analogia, podemos dizer que são a Ana Maria Machado de calças, ou seja, em sua versão masculina; eles são personagens real-fictícios, que lutam contracorrente, e, principalmente contra aqueles que teimam em classificar a Literatura; uma vez que Literatura é arte, é para ler, ouvir, interpretar, sentir, e quem sabe, agir.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, personagens, meninos, Ana Maria Machado.

## SUMÁRIO

<b>1. TUDO COMEÇOU ASSIM... SUBSÍDIOS PARA A PESQUISA-----</b>	<b>8</b>
<b>2. O PRINCÍPIO DA LITERATURA INFANTIL-----</b>	<b>15</b>
2.1 A infância que tivemos, será que as crianças estão perdendo?-----	17
2.2 Precursores da literatura infantil mundial-----	18
<b>3. LITERATURA INFANTIL NO BRASIL-----</b>	<b>22</b>
<b>4. A HISTÓRIA DE ANA MARIA MACHADO: UMA CRIADORA DE HISTÓRIAS---</b>	<b>28</b>
<b>5. QUEM SÃO ESSES MENINOS – AS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO-----</b>	<b>33</b>
5.1 <i>RAUL DA FERRUGEM AZUL</i> -----	34
5.1.1 O menino Raul -----	37
5.2 <i>DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS</i> -----	40
5.2.1 O menino Bino -----	44
5.3 <i>O NATAL DE MANUEL</i> -----	47
5.3.1 O menino André -----	50
5.4 <i>PRAGA DE UNICÓRNIO</i> -----	52
5.4.1 O menino Diogo -----	54
5.5 <i>GENTE BEM DIFERENTE</i> -----	57
5.5.1 O menino Rodrigo -----	60
5.6 <i>DE CARTA EM CARTA</i> -----	63
5.6.1 O menino Pepe -----	65
<b>6. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS – PALAVRAS DE ATÉ BREVE-----</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS-----</b>	<b>72</b>

## 1- TUDO COMEÇOU ASSIM... SUBSÍDIOS PARA A PESQUISA

Remexendo e revivendo o meu baú de memórias, encontro com Ana Maria Machado bem quietinha, adormecida, bem dentro de mim.

As histórias de Ana Maria Machado entraram na minha<sup>1</sup> vida logo cedo, quando cursava o Ensino Fundamental da 2ª (1990) à 4ª série (1992). Histórias como *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), *Currupaco, Papaco* (1977), *Dorotéia, a Centopéia* (1994)<sup>2</sup> povoaram o meu universo infantil, ainda que se apresentassem de forma incompleta, pois todas elas eram recortadas e ou adaptadas, compondo os textos de meus livros didáticos. E de forma reduzida os textos eram trabalhados. Jamais como arte verbal, como meio de conscientização de assuntos tratados pela autora, prazer, fruição, mas como pretexto para estudar a gramática e os fenômenos lingüísticos, interpretação textual, leitura em voz alta, enfim, de todas as formas, maneiras e jeitos, que tornavam a leitura na escola uma tortura, “[...] mais um dever, uma tarefa a ser cumprida.”, é como diz Leahy (1999, p. 96). Hoje sei que práticas pedagógicas como essas não contribuíam para despertar o gosto, o interesse e o prazer pela literatura.

Contudo, não deixaram de cumprir um importante papel em minha vida: o de ajudar a ampliar a minha compreensão sobre os fenômenos cotidianos. Os sentimentos, as emoções, o fascínio, o prazer de ler, porém, não foram despertados no ambiente escolar, mas no ambiente familiar, lendo, não por obrigação, lendo por deleite, por curiosidade, por interesse próprio, sem pressões, apenas seguindo o meu impulso leitor.

Ah! Essa literatura que desperta em mim os mais variados sentimentos e sensações e que me faz fantasiar, sonhar e viajar com *O Menino Pedro e Seu Boi Voador*, descobrir histórias de uma *Gente Bem Diferente*, andar sobre *A Maravilhosa Ponte do Meu Irmão*, e chegar até a terra onde um *Severino Faz Chover* e me encontrar com *O Domador de Monstros* para lhe contar que também venci os meus

---

<sup>1</sup> Procurando dar o movimento necessário ao texto, conforme sugestão da orientadora do estudo, usarei a pessoa gramatical de três tipos: a 1ª pessoa, quando apresentar reflexões minhas, a 1ª do plural, quando procurar dialogar com os autores que apoiarão os estudos e os leitores e a 3ª do singular, impessoal, quando procurar dar uma noção de afastamento.

<sup>2</sup> Ano da segunda edição.

medos. E, assim, caminhei até chegar na Universidade. Quanto à capacidade de lembrar tudo isso, recorro à própria Ana Maria, que assim expressa sua opinião:

Engraçado como todas essas lembranças infantis ficam tão nítidas e duráveis. Talvez porque nas crianças a memória ainda esteja tão virgem e disponível, que as impressões ficam marcadas profundamente. Talvez porque sejam muito carregadas de emoção. (MACHADO, 2002, p.10).

Apesar do gosto e das lembranças, vivi um longo tempo afastada da literatura infantil. O nosso reencontro se deu no curso de Pedagogia, na disciplina EDC 326- Oficina de literatura: porque ler... , ministrada pela professora Lícia Beltrão.

Ao matricular-me nessa disciplina, me chamou a atenção a sua identificação: EDC 326 - Oficina de literatura: parque. Pensei, a princípio, que as aulas seriam de incentivo à leitura no parque, como o próprio nome sugere. Contudo, foi muito melhor do que eu esperava. Posso dizer que a disciplina não foi realizada em um parque, mas que ela, sob orientação da professora Lícia, me ensinou a ler de verdade, e com certeza, ler para muito além da decifração de códigos.

Nessa disciplina, (re)construí minhas possibilidades de leitura. Naquele ambiente fértil, criativo, carregado de emoções e sentimentos, reencontrei-me com Ana Maria Machado. A partir daquele momento, começou a crescer o meu desejo de argumentar, com a Prof<sup>a</sup> Lícia, “porque ler Ana Maria Machado”. A minha curiosidade, em torno dessa autora e de sua obra literária, se aguçava. Indo ao seu encontro, fiquei sabendo, conforme Beltrão (2006), em artigo publicado na Revista da Faced nº 10, porque ler Ana Maria Machado, sobre a relevância da sua produção para o público infantil-juvenil, das histórias de sua vida também. Atenta à sua obra, comecei a observar que, apesar da importância de sua produção, seus livros eram conhecidos de maneira superficial, como foi o meu primeiro contato com os “livros” da autora. Nas escolas, onde realizei os estágios obrigatórios do curso de Pedagogia, constatei que os livros de Ana Maria não eram incluídos nas listas dos que deveriam ser lidos pelas crianças. Achei curioso que na produção de Ana Maria, os meninos tinham uma extensa participação como protagonistas<sup>3</sup>. Nesse sentido, revalidei o que tinha aprendido na EDC 326 e considerei que aqueles conhecimentos poderiam ser ampliados. A produção da monografia seria, então,

---

<sup>3</sup> Entendemos que o protagonista “é a personagem mais importante da obra, no qual a história gira em torno dele. Geralmente é o herói e alguns casos pode existir mais de um.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Personagem>.

uma importante oportunidade. Em vista disso, me inscrevi para participar do grupo<sup>4</sup> de estudantes que seria orientado pela Prof<sup>a</sup> Lícia Beltrão. Na ocasião da primeira orientação, apresentei minha intenção que se somou a de mais três colegas: Iomar de Alcantara, Jeane Gavaza e Tássia Spínola todas voltadas para a obra de Ana Maria Machado.

Com a colaboração da professora, pensamos sobre a importância de ampliarmos o nosso repertório informativo sobre Ana Maria Machado e sua obra, já que todas nós tínhamos curiosidade sobre ela e tínhamos noção do quanto é importante levarmos para a escola, para a realização de nossas práticas pedagógicas com a literatura, conhecimentos que ampliem estudos para além dos comentários abrangentes, como aqueles propostos pelos livros didáticos que abordam sobre assunto da história, local onde se passam os fatos e sobre o papel das personagens.

As reflexões e debates deram base para que definíssemos sobre a realização de uma pesquisa que tivesse como eixo a obra de Ana Maria Machado, recortada e estudada, por cada uma de nós, com objetivos comuns e distintos. Fazer um estudo articulado, mas ao mesmo tempo específico tornou-se nossa intenção. Para isso, reunimos em torno de vinte e oito títulos da obra de Ana Maria. Desprezamos os recontos, as adaptações e as traduções. Reconhecemos naqueles títulos, através de leituras, narrativas literárias que possibilitavam o estudo do enredo, do tempo, do espaço, das personagens<sup>5</sup>, dos recursos narrativos, do ponto de vista, enfim de conteúdos que as caracterizam, conforme Moisés (1995). Entre esses aspectos, escolhemos o enredo, os recursos narrativos e as personagens – os meninos e as meninas que povoam as histórias.

No meu caso<sup>6</sup>, optei por pesquisar as personagens meninos, peças-chave das histórias que tanto nos encantam, despertam curiosidade, vontade de conhecê-los mais intimamente; a época de sua criação, jeitos, atitudes, sentimentos, valores.

Segundo Coelho, “a palavra ‘personagem’ é oriunda do termo latino *persona*, *ae*, nome com que os romanos designavam as máscaras usadas pelos atores

---

<sup>4</sup> Para que a escrita sobre a metodologia da pesquisa se mantivesse coerente, considerando os acordos feitos com o grupo de pesquisa, a produção está similar a do estudo produzido pela colega Iomar de Alcantara que estuda as meninas que moram nas histórias de Ana Maria.

<sup>5</sup> Seguindo orientação de Bechara (1999, p. 139), quanto ao gênero das palavras da língua portuguesa terminadas em (gem) que pode ser masculino ou feminino, optamos pelo feminino – a personagem.

<sup>6</sup> Iomar de Alcantara optou pelas meninas, Jeane Gavaza pelos recursos narrativos – pelo léxico mais especificamente – e Tássia Spínola, pelo enredo. Essas duas, concluirão os estudos em 2009.2

gregos em suas representações teatrais. Assim, a "personagem é a transfiguração de uma realidade humana (existente no plano comum da vida ou num plano imaginário) transposta para o plano da realidade estética (ou literária)." (COELHO, 2000, p. 74). Ainda utilizando-me das palavras de Coelho, sintetizo que: "a personagem é uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana." (COELHO, 2000, p. 74).

Mas por que estudar as personagens? Insistindo na pergunta, respondo, com argumentos outros: Porque "dentre os elementos constituintes da narrativa, [...] representam o mais importante fator na socialização da criança e do jovem e na transmissão social de valores, fundamentais para a sua formação." (FARIA, 1999, p. 28). Faria (1999, p. 29), citando Lauwe e Bellan, nos diz que: "algumas vezes as personagens se tornam para as crianças [e adolescentes] modelos ideais e modelos de conduta." E novamente recorro a Faria (1999, p. 29), que ainda citando Lauwe e Bellan, nos diz "o herói jovem (o qual nos interessa no momento), encarna aparentemente maneiras de ser, de se conduzir, de se situar, [...]". Todos esses motivos que me levam a pesquisar as personagens, pois consideramos que eles são agentes potenciais da propagação de valores morais, cívicos e éticos; valores que são monitorados e veiculados pelos adultos que escrevem as obras e nelas estão impregnadas as concepções, ideologias e a visão de mundo do autor.

A autora Maria Alice Faria (1999) embasada nos estudos de Lauwe e Bellan, nos traz uma compreensão sobre as personagens muito significativa para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Segundo Faria (1999, p. 39-40) as personagens podem ser: positiva ativa - "sua principal qualidade é o poder de ação e para tanto a primeira característica é a coragem, vindo em seguida a determinação, o espírito de iniciativa, a força de vontade, a capacidade de liderança etc."; positiva boa - "destaca-se muito mais pelas qualidades morais: a generosidade, a bondade, a compreensão do próximo, o amor aos animais, etc."; infeliz - estas são personagens passivas pois, "em vez de dar algo ao próximo, recebem a ajuda humanitária não só das outras personagens como despertam o sentimento humanitário no leitor."; aventureira - são representadas "geralmente [por] adolescentes, [...] vive aventuras excepcionais, é corajoso [a], inteligente e elucida os mistérios do livro, ajudando e mesmo sobrepujando os

adultos.”; engraçada – “tem um comportamento divertido, é alegre, leva a vida com otimismo, sem se importar com críticas ou caçoadas.”

E como vimos, anteriormente, as características físicas e psicológicas, a conduta, enfim, todos os comportamentos das personagens influenciam o leitor (crianças e adolescentes), seja nas “[...] vocações que surgem, (nos) rumos de vida [...]”. (MEIRELES, 1984, p. 128). Enfim, de diversas formas essas personagens podem refletir no leitor, pois eles estão formando sua personalidade, suas impressões na relação leitor – leitura.

No caso específico da opção pelos meninos como personagens protagonistas, recorro ao que diz Coelho (1983, p. 43) para me justificar: “Ana Maria Machado até agora, dera ênfase especial ao masculino (é só fazer uma estatística de seus personagens masculinos e femininos, e essa peculiaridade facilmente se confirma). Fico, então, com “essa peculiaridade” da obra de Ana Maria: ser povoada por meninos, muitos meninos.

Considerando as idéias expostas e a necessidade de tornar mais claro o que exponho, esclareço que objetivo com este estudo monográfico, que tem caráter predominantemente teórico, caracterizado como pesquisa bibliográfica, responder à seguinte questão: Qual o perfil dos meninos que povoam obras de Ana Maria Machado?

Para respondê-la, fiz opções e estabeleci percursos. A primeira opção (e que não poderia ser outra) foi pela leitura. A leitura foi o principal procedimento metodológico da pesquisa. Nesse sentido, a concepção de leitura parafrástica e polissêmica, trazida por Orlandi (2003) foi fundamental, posto que a leitura do texto teórico foi realizada com o baixo grau de polissemia requerido e o texto literário, em razão do que sua linguagem potencializa pela via da conotação, com alto grau de polissemia. Li ainda, conforme concepções de Beltrão (2006), Coelho (1984; 2000; 2006), Faria (1999), Moisés (1995), Meireles (1984), Machado (1996; 2001; 2002; 2004), Zilberman (1998, 2003), Lajolo (2004), e outros. Tanto o acervo teórico que deu suporte ao debate sobre questões específicas do objeto do estudo como daqueles conteúdos necessários para contextualização da pesquisa. Quanto aos percursos, iniciei pelo levantamento bibliográfico da obra de Ana Maria e sobre Ana Maria, seus dados biográficos. Para isso, acessei, inicialmente, o *site* da autora e outros que também tratam de sua produção. Neles, pesquisei sobre sua vida e

carreira literária, e assim, obtive o material necessário para conduzir a pesquisa e demarcar as obras para análise.

Esse começo, confesso, me trouxe dificuldades. A minha itinerância pelas Bibliotecas Anísio Teixeira - Faculdade de Educação desta Universidade, Biblioteca Central - Barris; Biblioteca Monteiro Lobato - Nazaré; Biblioteca Juracy Magalhães Júnior - Rio Vermelho; pelos sebos que conheço foi quase sempre frustrante; pois encontrei somente algumas obras de Ana Maria, aquelas mais conhecidas e divulgadas, porém as que eu procurava especificamente para a construção da pesquisa, onde os meninos fossem protagonistas, foi muito difícil. Esse dado me fez também pensar sobre a desatenção dada à obra de uma escritora premiada, primeira representação de escritora de literatura infantil na Academia Brasileira de Letras, e à criança, sua leitora principal. Por fim, somente recorrendo à biblioteca particular de minha orientadora, tive acesso ao acervo que permitiria a realização do procedimento referido.

Organizado o acervo, constituído pelos títulos, *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Do Outro Lado tem Segredos* (1980), *De Olho nas Penas* (1981), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), *Praga de Unicórnio* (1983), *Série Mico Maneco* (1983-88), *Gente, Bicho, Planta: O Mundo me Encanta* (1984), *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca* (1985), *O Natal de Manuel* (1985), *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Série Filhote e Série Moleque* (1987), *A Velha Misteriosa* (1988), *Uma Vontade Louca* (1990), *Mistérios do Mar Oceano* (1992), *Série Adivinhe Só* (1993), *Um Herói Fanfarrão e sua Mãe Bem Valente* (1994), *O Touro da Língua de Ouro* (1995), *Beijos Mágicos* (1996), *Amigos Secretos* (1997), *Balas, Bombons, Caramelos* (1998), *Um Gato no Telhado* (1999), *Piadinhas Infames* (2000), *O Menino que Virou Escritor* (2001), *De Carta em Carta* (2002), *Portinholas* (2003), *Gente bem diferente* (1996), *Pedro Malasartes e outras Histórias à Brasileira* (2005), *Uma história de Páscoa* (2006), identifiquei intencionalmente, através da leitura, as obras nas quais povoam os meninos e que constituiu o acervo específico. Dele constam seis livros cujos títulos seguem: *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Do Outro Lado tem Segredos* (1980), *Praga de Unicórnio* (1983), *O Natal de Manuel* (1985), *Gente bem diferente* (1996), *De Carta em Carta* (2002), fiz a leitura integral, produzi resenhas e destaquei as personagens meninos para estudá-los, conforme a orientação do que diz Faria (1999) e Coelho (2000).

Busquei também em outros autores, o embasamento teórico necessário ao estudo, já que ele requereu o diálogo sobre literatura infantil, no mundo, literatura infantil no Brasil, infância, personagens.

Com os dados produzidos, passei à organização dos textos que compõem este estudo monográfico e que, estruturalmente, está dividido em (seis) capítulos, incluindo a introdução e as considerações finais.

No primeiro capítulo, este que está sendo lido, apresento como tudo começou, meu contato inicial com as obras de Ana Maria Machado ainda na infância; o nosso reencontro cheio de magia dentro da Universidade nas aulas da Prof<sup>a</sup> Lícia Beltrão, a escolha do tema, a problematização, a pergunta que norteia o estudo, procedimentos metodológicos e a trajetória de sua constituição.

No segundo capítulo, apresento o resultado do que investiguei sobre a origem da literatura infantil, já que a obra de Ana Maria é reconhecida como tal, bem como a concepção de infância anterior ao século XVIII, e o conceito que ela assume atualmente, pois sem a criança não haveria razão para se discutir a literatura infantil de Ana Maria.

No terceiro capítulo, faço um recorte histórico da literatura infantil no Brasil, e destaco Monteiro Lobato como o autor de maior representatividade deste país em sua época e a repercussão de sua obra na de Ana Maria.

No quarto capítulo, convido o leitor a conhecer a história de Ana Maria Machado, criadora de tantas outras histórias.

No quinto capítulo, (re)apresento o caminho metodológico para a seleção das obras analisadas nesta pesquisa, e em seguida, começo a contar as histórias de Ana Maria, estudando os meninos de suas histórias.

E para colocar um ponto, quem sabe de seguimento, no sexto capítulo, apresento minhas considerações, reflexões conclusivas sobre este estudo monográfico e vou me despedindo, com um até breve.

## 2- O PRINCÍPIO DA LITERATURA INFANTIL

Não eram escritas, mas contadas oralmente. Contadas e recontadas, com inúmeras variações, foram ficando na memória do povo - e, de vez em quando, eram mencionadas em manuscritos. (MACHADO, 2002, p. 44).

Ouvir e contar histórias são práticas muito antigas que nos remetem aos primórdios da humanidade. Essa prática era desenvolvida com base na oralidade e na memória popular, as lendas, os mitos e as canções, enfim, a cultura, era passada de pai para filho, de geração para geração.

Com a invenção da escrita, o ouvir e o contar histórias tornaram-se diferentes, com riqueza de outros detalhes, já que não era mais ancorado, exclusivamente, nas lembranças contidas na memória, e a escrita registrava e recriava a tradição oral.

Os anos foram passando e a literatura se transformando, mas é a literatura classificada como infantil que nos interessa neste momento.

A literatura infantil propriamente dita, conforme a opinião de Zilberman (1998) surge no final do século XVII, pois até então não se escrevia para as crianças, uma vez que nesta época não se diferenciava uma criança e um adulto, a infância não existia.

As crianças tinham as mesmas atribuições dos adultos, trabalhavam, participavam das festas, guerras, eram desprovidas de carinho, proteção, e dos cuidados essenciais a uma criança.

A partir da Idade Moderna, com as transformações ocorridas na sociedade burguesa vigente, surge a necessidade de se criar uma nova concepção de família com a valorização da criança, bem como da infância.

Como afirma Zilberman (1998, p. 13), “antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado.”

Segundo Zilberman (1998), a família passou a ser nuclear, ou seja, pai, mãe e filhos; com essa nova formação, os laços familiares, a afetividade, a educação e o bem-estar, passaram a ser também preocupação deste grupo social; com o objetivo

de garantir um crescimento saudável até chegarem à idade adulta; a atenção ao aspecto cognitivo também se incluía nas preocupações daqueles que constituíam a família, naquela nova concepção.

As crianças começaram a ser preservadas das atividades desenvolvidas pelos adultos, e o convívio familiar constituiu-se numa necessidade; esta é a fase dos mimos e da paparicação, em que os adultos (elite) as achavam engraçadas e se divertiam com elas, o que mais tarde veio a ser criticado por autores da época.

Para manter o *status* e garantir a transmissão dos valores da sociedade, a escola e a literatura infantil foram utilizadas pela burguesia. A escola foi reformada, deixou de ser facultativa e tornou-se um local de grande concentração de crianças que eram “educadas”, segundo a ideologia da classe dominante, como constata Zilberman: “[...] a escola participa do processo de manipulação da criança, conduzindo-a ao acatamento da norma vigente, que é também a da classe dominante, a burguesia [...]” (ZILBERMAN, 1998, p. 20).

E sobre a literatura Zilberman afirma:

Transmitindo, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses dos jovens (...). A obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja através da atuação de um narrador que bloqueia ou censura ação de suas personagens infantis; seja através da veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização da norma lingüística ainda não atingida por seu leitor, devido à sua falta de experiência mais complexa na manipulação da linguagem. (ZILBERMAN, 1998, p. 20).

Foi nesse contexto que os primeiros textos de literatura infantil surgiram carregados de intencionalidade, escritos por professores e pedagogos, com um forte caráter pedagógico e moralizante, prontos para manipulações.

Segundo Rocha, (1984), citada por Duarte, (2001, p. 491), teoricamente, só é possível falar de literatura infantil a partir o século XVIII, quando a infância começa a existir de fato. Apesar desse contexto, as crianças provavelmente tinham contato com um outro tipo de literatura; a literatura oral permeada por contos de cavalaria, e representações teatrais.

## **2.1- A infância que tivemos, será que as crianças estão perdendo?**

Ao logo do tempo, o conceito de infância tem-se modificado de acordo com as sociedades de cada época, e valores que vêm sendo agregados a essa fase da vida; a infância deixou de ser apenas uma etapa onde o pequeno adulto se desenvolve, para tornar-se um período específico de desenvolvimento omnilateral, com direitos e deveres de cidadãos assegurados.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) é hoje uma das maiores conquistas que garante às crianças direitos básicos como educação, saúde (direito à vida), moradia, enfim direitos que protegem a sua integridade física, moral e intelectual que até outrora não eram respeitados.

Sobre a criança, contemporaneamente considerada, Kramer (2000, p. 5) diz:

Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância.

Contudo, a concepção de infância construída culturalmente e socializada durante o século XVIII, vem ganhando novos contornos e definições, e tendem ao desaparecimento. Os avanços tecnológicos (celulares, televisores, vídeo games, computadores, Internet, ipods, mp3, 4...) nos permitem viver num “mundo de velocidade e conforto [...]”. (MEIRELES, 1984, p. 140). Elementos, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, que favorecem e potencializam o desaparecimento da infância.

A cada dia, a distância entre o mundo dos adultos e das crianças, fica menor, devido ao fácil acesso e manipulação dos aparelhos eletro-eletrônicos, por parte das crianças. Os “assuntos de adultos”, como a violência, e principalmente, os que dizem respeito à sexualidade, estão deixando de ser restritos a estes e são tratados de forma banal por esses meios de comunicação que utilizam uma linguagem de fácil compreensão, e que não requer maiores habilidades: a imagem; alcançando a todos, adultos e crianças indiscriminadamente.

Hoje, dificilmente encontramos crianças brincando nas ruas, de roda, bonecas, pega-pega, esconde-esconde, bambolê... Diversões que fizeram parte da minha infância, e da infância de muitos da minha e outra geração; talvez por conta da violência e da banalização da criminalidade que cada vez mais nos “prende” dentro de casa; o que aproxima as crianças dos aparelhos tecnológicos e quase sempre sem um adulto para mediar este acesso, com isso, as crianças estão cada vez mais cedo adentrando no mundo adulto, se comportando, vestindo, falando e agindo como eles.

Criança deve ser criança! Pensar, agir, fantasiar, brincar, embarcar num balão mágico, num trem da alegria, ou quem sabe, “numa calda de cometa” e aproveitar o momento, de ser feliz, de ser criança.

E a nós, adultos, cabe orientar e educar o olhar de nossas crianças oferecer-lhes a possibilidade de um uso mais crítico das tecnologias e dos meios de comunicação.

## **2.2- Precusores da literatura infantil mundial**

Sobre esse assunto, tomarei como base o que relata Machado (2002), ao defender a importância de se ler os clássicos universais desde cedo.

Os primeiros livros de literatura infantil surgiram no século XVIII, mas ainda no século XVII na França, Charles Perrault recolheu algumas histórias, contou e publicou para as crianças burguesas, e a moral sempre fazia parte das histórias. Alguns contos de Perrault como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*, *Os Contos da Mamãe Gansa*, dentre outros, estão imortalizados no imaginário infantil, e porque não dizer no adulto também?

Na Alemanha, agora já no século XIX, Wilhelm e Jacob Grimm conhecidos mundialmente como irmãos Grimm, através de pesquisas, registro de narrativas recolheram informações e organizaram uma coletânea (*Contos para o Lar e as Crianças*) de histórias e contos que revelavam as tradições populares.

O objetivo dos irmãos Grimm era divulgar e preservar a cultura popular alemã e torná-la acessível a todos. Contos como *Branca de Neve*, *O Rei Sapo*, *Os Músicos*

*de Bremen, Os Cisnes Selvagens, João e Maria, O Alfaiate Valente, A Guardadora de Gansos, versões de Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, A Bela Adormecida, e outros, fazem parte da grande obra propagada por esses irmãos para nos emocionar, encantar e nos levar a um mundo de fantasias.*

Na Dinamarca, Hans Christian Andersen se destacou, como Perrault e os irmãos Grimm, por narrar os contos populares e histórias tradicionais que ouvira em sua infância, mas também por criar diversas histórias infantis, por isso Andersen é conhecido como “pai” da literatura infantil.

Em suas histórias, Andersen costumava envolver fadas, e outros seres mágicos, reis e rainhas, e elementos da natureza, personagens que vivem em nosso imaginário e em nossos corações. Obras como *O Patinho Feio, A Pequena Sereia, O Soldadinho de Chumbo, A Roupa Nova do Imperador, A Menina dos Fósforos, Polegarzinha, O Pinheirinho, e outras.*

Para falar um pouco das personagens que compõem essas histórias, destaco dos contos de Perrault aqui citados, *O Pequeno Polegar*, que é a história de um menino caçula dentre seus vários irmãos, sete mais precisamente, ele era muito pequeno, porém muito esperto; e seu pai por não ter condições de mantê-los decide abandoná-los na floresta, depois de andarem muito, avistam um castelo e vão para lá em busca de abrigo e alimentos, mas no castelo vivia um ogro, que queria devorá-los; então o Pequeno Polegar com toda a sua esperteza consegue enganar o ogro e salvar seus irmãos, e todos fugiram do castelo sãos e salvos, porém o Pequeno Polegar leva consigo as botas encantadas do ogro e com a ajuda delas ele trabalha para um rei, ganha muito dinheiro e volta para casa.

Neste pequeno resumo, é possível perceber que o Pequeno Polegar era o caçula, o menor, talvez o mais franzino, aquele menino em quem ninguém acreditava, mas foi esse menino que conseguiu salvar a si próprio e a seus irmãos; não com o uso da força física, mas com a esperteza, inteligência e criatividade e, mais tarde, com a força do seu trabalho e claro, com a ajuda das botas mágicas, consegue dinheiro para suprir suas necessidades.

Nos contos de Grimm aqui citados, destaco *João e Maria* que tem um enredo bem parecido com o conto anterior; João e Maria foram deixados na floresta pelo pai, por falta de condições para mantê-los, cansados de procurar o caminho de volta,

avistaram uma casa e lá foram acolhidos, porém a velha que os acolheu era uma bruxa e queria comê-los; Maria tinha a obrigação de cozinhar para engordar João que estava preso; eles conseguem enganar a bruxa, e João, valendo-se de sua força masculina consegue fugir de sua prisão; eles saem ilesos da casa e ainda levam consigo alguns bens da bruxa.

Nesse conto, João, por estar preso, necessita da ajuda da irmã, Maria para defendê-lo das agressões da bruxa, ele demonstra ser um menino forte, companheiro, porém suas habilidades estavam restritas, pois estava preso, e Maria desenvolve sozinha as estratégias para conseguirem fugir.

Contudo, acredito que estes contos, considerado infantis, necessita de um olhar um pouco mais cuidadoso por parte dos pais e educadores, uma vez que a partir do momento que o Pequeno Polegar, leva consigo as botas encantadas do ogro, e João e Maria recolhem os bens da bruxa, eles estão subtraindo objeto(s) alheio(s), ou seja, são crianças que estão roubando.

A partir dos contextos apresentados, quero ressaltar que devemos, sim, levar a literatura infantil para a sala de aula, educar através da arte literária, porém antes devemos refletir sobre o acervo escolhido, refletir a nossa prática pedagógica para o desenvolvimento das leituras e desta forma, disponibilizar aos nossos alunos momentos de prazer e criatividade, mesclados com a possibilidade de experimentar, viver, construir seu próprio conhecimento fundamentado numa visão mais crítica do mundo à sua volta. É o que afirma Amarilha, com a qual concordo:

A criança ao se relacionar com texto ficcional, relaciona-se implicitamente com o passado coletivo que constitui os valores, as idéias, as formas expressas no texto; organiza seu presente através das informações, experiências, identificações que o texto propõe, e projeta seu futuro transformando as matérias da vivência coletiva e individual através da fantasia, das possibilidades vivenciadas na interação com o texto. (AMARILHA, 1997, p. 88).

E vale ressaltar também a grande responsabilidade da escola na formação do leitor, pois ela tem o poder de aproximar e também de afastar os alunos, possíveis leitores, dessa arte verbal que se constitui uma experiência única a cada leitura, e bastante pessoal.

Sobre os contos de fadas, Machado (2002) nos diz que: “Conhecer os contos de fadas, além de tudo, permite também que se possa aproveitar plenamente sua ampla descendência, já que esse gênero foi um dos mais fecundos no imaginário popular.” (MACHADO, 2002, p. 80).

Essa grande contribuição de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Andersen fomentou a criação de várias histórias destinadas ao público infantil e que hoje são considerados grandes clássicos conhecidos mundialmente. Sobre os clássicos infantis Machado nos diz: “Como esses contos tradicionais são os clássicos infantis mais difundidos e conhecidos, a gente sabe que pode se referir a eles e piscar o olho para o leitor, porque ele conhece o universo de que estamos falando.” (MACHADO, 2002, p. 81).

Dialogando agora com Calvino, Machado diz, citando-o:

Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual. Os clássicos são livros que chegam até nós trazendo consigo marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, apud MACHADO, 2001, p. 145).

Para finalizar sobre os clássicos, me refugio nas palavras de Machado (2001): “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos, quando são lidos.” Ou simplesmente: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer tudo aquilo que tinha para dizer.” (MACHADO, 2001, p. 145).

### 3- LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Segundo Zilberman (1998), a literatura infantil brasileira começou a existir no século XIX, com os mesmos fundamentos da literatura infantil mundial, o caráter moralizante e didático-pedagógico; as primeiras obras brasileiras destinadas ao público infantil foram feitas a partir de traduções e adaptações dos clássicos europeus.

Com essas adaptações e traduções, foram deixados de lado o nosso folclore e as nossas tradições, ou seja, importamos também a cultura popular européia.

As histórias traduzidas e adaptadas para o público brasileiro eram descontextualizadas e divergiam bastante da nossa realidade social, cultural e econômica. A partir daí, começaram vários movimentos com o objetivo de nacionalizar a literatura infantil européia.

Carlos Jansen e Alberto Figueiredo Pimentel foram os primeiros a nos apresentar os clássicos da literatura infantil mundial. Histórias como *As viagens de Gulliver* (1888), *D. Quixote de la Mancha* (1901), *Robinson Crusoé* (1885), *As Aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos seletos das Mil e Uma Noites* (1882); dentre outras, foram adaptadas por Carlos Jansen. Já os contos de Perrault, Andersen e dos irmãos Grimm foram publicados por Figueiredo Pimentel, nos *Contos da Carochinha* (1894), e coletâneas como *Histórias da Avozinha* (1896), *Histórias da Baratinha* (1896), e outras; todas, porém, com destaque para a valorização da moral e dos bons costumes. Como indica uma dedicatória feita pelo autor na coleção *Contos da Carochinha*: “São histórias para crianças, mas todas têm moral, muito proveitosa, ensinando que a única felicidade está na Virtude, e que a alegria só vem de uma vida honesta e serena.” (PIMENTEL, 1894 apud KHÉDE, 1986, p. 33).

As personagens que habitaram as histórias de Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel eram crianças estrangeiras, importadas, com língua, hábitos, costumes, valores morais, além das características físicas, psicológicas e sociais bem diferentes do nosso povo e do nosso modo de vida.

Com a repercussão das obras de Jansen e Figueiredo Pimentel, surgem diversos autores interessados na temática – literatura infantil; autores como

Francisca Júlia, Coelho Neto, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, porém as obras escritas por eles se destinaram a cartilhas e livros didáticos, de cunho moralizante e pedagógico e que fizeram parte da educação dos filhos da classe dominante.

Dentre os autores citados, quero destacar as irmãs, Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, que tiveram sua obra *Contos Infantis*, selecionada para ser utilizada em todas as escolas primárias do Brasil, durante mais de cinco décadas, com o objetivo de cultivar bons sentimentos; segundo Leahy, “a coleção inclui 27 textos originais em prosa e 31 poemas traduzidos do francês numa versão adaptada dos poemas para crianças de Louis Ratisbonne.” (LEAHY, 1999, p. 100). O leitor era “submetido a uma agenda implícita de múltiplos deveres em que aspectos éticos, morais e cognitivos se aglomeram, com a finalidade de moldar crianças para o bem que se lê nos livros.” (LEAHY, 1999, p. 108).

Esses contos abordavam temas que vão de “assuntos leves mesclados a todo tipo de desgraça humana, cegueira a vários tipos de morte, da fome à loucura [...]” (LEAHY, 1999, p. 108). Enfim, temas que provavelmente não atraíam os leitores, “textos aterrorizantes, intimidadores, difíceis, que se aproximam da crítica adulta [...]; sem escolha nem liberdade, [...], por se perseguir um modelo de criança perfeita.” (LEAHY, 1999, p. 102).

Os contos das irmãs Lopes apresentavam características fortemente marcadas pelo moralismo e pedagogismo que propunham uma educação voltada para o cultivo dos bons costumes e dos “bons valores morais [que] deveriam ser sempre reforçados, ler era uma ferramenta valiosa para o controle dos pequenos anjos ou demônios.” (LEAHY, 1999, p. 103). Uma educação que utilizava a leitura como forma de coagir, exemplar, corrigir, moldar, torturar, culpar; era uma “[...] educação pela culpa”. (LEAHY, 1999, p. 100). E utilizando as palavras de Leahy (1999), digo que “elas reforçam o princípio da ausência de prazer, tendo como aliada a inadequação da linguagem e dos temas de leitura.” (LEAHY, 1999, p. 101).

Todos os traços desses *Contos Infantis* convergiam para uma leitura sem a produção de significados, uma leitura que não produzia criação, reflexão, envolvimento, interação do leitor com a obra; os leitores não se sentiam personagens daquelas histórias cheias de peculiaridades, pois eram totalmente descontextualizadas e de difícil compreensão por parte do público infantil.

Dessa forma, podemos compreender que a literatura infantil brasileira era carente de obras que refletissem o seu povo, a sua história, suas crenças e tradições; foi então que **José Bento Monteiro Lobato** inicia sua produção para as crianças e a nossa literatura infantil ganha uma nova conotação.

Segundo Zilberman,

É com esse autor que se rompe (ou melhor: começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa [...]. No Brasil, deu-se por muito tempo o transplante da tradição estrangeira, sendo que as narrativas orais de cunho local não receberam atenção similar [...]. Foi Monteiro Lobato quem procurou incorporar este acervo às suas histórias, através do aproveitamento de certas personagens fantásticas [...], e dos relatos populares [...]. (ZILBERMAN, 1998, p. 54-56).

Lobato acreditava que o gosto pela leitura era construído desde a mais tenra idade e passou a preocupar-se com os livros destinados às crianças, como se tivesse dizendo o que mais tarde disse Dinorah (1996, p. 40): “é através do livro infantil que a criança irá penetrar no mundo literário e tornar-se um leitor.”

Segundo ele próprio,

Há homens que passaram a vida sem ler um livro, fora dos escolares, justamente por não terem tido em criança o ensejo de ler um só livro que lhe falasse à imaginação. Já os que têm a felicidade de na idade própria entrarem em contato com livros que ‘interessam’, esses se tornam grandes leitores e por meio da leitura prolongam até o fim da vida o progresso auto-educativo. Quem começa pela menina da capinha vermelha pode acabar nos *Diálogos* de Platão, mas quem sofre na infância a *ravage* dos livros instrutivos e cívicos, não chega até lá nunca. Não adquire o amor da leitura.<sup>7</sup> (LOBATO, apud DEBUS, 2001, p. 50).

Para melhor entendermos a importância das histórias de Monteiro Lobato para a literatura infantil nacional, chamamos para a nossa conversa Coelho (2006) que nos apresenta o seu parecer: “[...] Lobato encontrou o caminho criador de que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o novo século exigia.” (COELHO, 2006, p. 47).

---

<sup>7</sup> LOBATO, Monteiro. A criança é a humanidade de amanhã. In: \_\_\_\_\_. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1964. p.249-256. Escrito por Lobato, provavelmente na década de 40, o presente artigo foi publicado por Denise Tavares num pequeno folheto comemorativo pela inauguração da biblioteca Infantil Monteiro Lobato, na Bahia.

Com suas histórias criativas, aliando a realidade e a ficção, o real e o mágico; utilizando-se de uma linguagem que muito se aproxima da oral, e sobretudo popular que atraía os leitores, “ que costura juntos crianças e bichos mágicos, políticos e sabugos falantes, [...]” (BIGNOTTO, 1999, p. 112). É que Lobato proporcionava a reflexão crítica sobre temas como petróleo, política, problemas sociais, enfim, temas que pertenciam ao mundo dos adultos. Assim, Lobato conquistou as crianças e os adultos também.

Com as histórias de Lobato, podemos conhecer algo novo, reconhecer, transformar, ressignificar, renovar, recontar, enfim nos apoderarmos da leitura, e basta apenas um pouco de pó de pirlimpimpim para nos tornarmos parte delas e vivermos incríveis aventuras. E o efeito dessa ação de nos apoderarmos da leitura é a transformação do nosso olhar, da nossa criticidade, das nossas atitudes em relação ao ato de ler, ler por prazer, por deleite, por fruição e conscientização da sua importância.

Em 1921, o público conhece *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e a partir daí várias outras histórias são contadas e ou recontadas por Lobato; tendo duas crianças como protagonistas, Narizinho e Pedrinho, um sítio (*Sítio do Picapau Amarelo*) como ambiente central que representa também a ruralidade do nosso país, Dona Benta com sua maturidade e sabedoria para conduzir as crianças pelos caminhos das descobertas, tio Barnabé, um agregado do sítio que ajuda nas tarefas, personagens mágicos como Emília e o Visconde de Sabugosa, folclóricos como o Saci e a Cuca, animais antropomorfizados como Quindim - o rinoceronte, Rabicó - o leitão, Mocha - a vaca, e o burro Conselheiro. E a melhor “fazedeira” de bolos e quitutes de todo o sítio, Tia Nastácia.

Personagens capazes de liberar em nós uma cascata de sentimentos, nos fazem sorrir, chorar, gritar; aprender, sonhar, fantasiar; capazes de nos transferir para um tempo-espço diferente, prazeroso... Mágico!

Concordando com Machado, posso dizer que: “Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos grandes prazeres de uma boa leitura.” (MACHADO, 2002, p. 20).

Agora, falando dos meninos de Lobato, referencio Pedrinho. Pedrinho, um menino comum, uma criança que estuda e recarrega suas baterias passando as férias na casa da avó, e durante os períodos que vive na casa dela, de acordo com Zilberman (2003), Pedrinho vai “sendo alvo de um aprendizagem que crê muito mais eficaz, já que recorre à leitura de livros e comparece diariamente aos serões, abertos a todos os interessados, de Dona Benta.” (ZILBERMAN, 2003, p. 158). Ele é também, segundo Faria (1999), uma personagem positiva ativa, uma vez que demonstra características como coragem, valentia, esperteza, força física, e um espírito aventureiro; mas o melhor de tudo é que ele sabe e tem a oportunidade de ser criança.

Lobato utiliza-se de seus personagens para nos apresentar clássicos da literatura mundial como *Dom Quixote*, (em *O Dom Quixote das Crianças*), *As Aventuras de Hans Staden*, *Peter Pan*, *Pinóquio* em (*O Irmão do Pinóquio*); para nos ensinar Gramática, com *Emília no País da Gramática*, Geografia, com a *Geografia de Dona Benta*, Aritmética, com *A Aritmética de Emília*, História, com *Histórias do Mundo para Crianças*, folclore, ou seja, cultura brasileira, com *Histórias de Tia Nastácia*, Mitologia grega, com *O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*, Geologia com *O Poço do Visconde* e Inglês com *Peter Pan*.

As histórias não deixavam de nos ensinar, porém de uma maneira lúdica agradável e divertida, através da experiência que deixava e ainda deixa todo mundo com vontade de aprender.

No contexto lobatiano os aprendizes são tratados como sujeitos ativos, criativos, capazes de experimentar, vivenciar, seres dinâmicos, históricos e sociais, sujeitos construtores de seu próprio conhecimento.

Enfim concordando com Machado (2002), no que se refere a Monteiro Lobato, “deve ser motivo de orgulho para todos os brasileiros, que deveriam ter total intimidade com sua obra.” (MACHADO, 2002, p. 126). Nesse sentido, vale citar o que ela diz:

Temos de herança o imenso patrimônio da leitura de obras valiosíssimas que vêm se acumulando pelos séculos afora. Mas muitas vezes nem desconfiamos disso e nem nos interessamos pela possibilidade de abri-las, ao menos para ver o que há lá dentro. (MACHADO, 2002, p. 18).

Desta forma, já antecipo pelas concepções de Machado sobre Lobato a importância de sua obra na produção literária iniciada na década de 70. E espero que, a partir deste momento, nós possamos nos permitir conhecer, e quem sabe então, embarcarmos numa fantástica viagem por nossas obras literárias.

Que tal conhecer Ana Maria Machado e suas obras literárias? Ela é uma importante autora do cenário brasileiro que começou a se destacar na década de 70, com histórias convidativas e fascinantes, livros que nos permitem assim como os de Lobato, fazer morada neles, e nos enriquecemos de possibilidades, nesse sentido fico com as palavras da própria diz:

[...] ao ser lido, um livro deixa de ser apenas do autor que o escreveu e passa a ser também propriedade do leitor, é apropriado por quem o lê, começa a fazer parte do imaginário de outra pessoa, de sua memória, de sua bagagem cultural. Ao serem publicados (dados ao público) e lidos, os livros deixam de pertencer exclusivamente ao autor e são reapropriados pelos outros. (MACHADO, 2004b, apud RAMOS, 2006, p.127).

Sendo assim, faço-lhes o convite para conhecer um pouco da vida e das obras desta autora de grande significado nacional e internacional, Ana Maria Machado; e quem sabe você também consiga, ressignificar a experiência criativa de Ramos (2006), que nos explica: “usando meu imaginário e minha criatividade, eu inventaria mundos novos para morar. Vidas novas para viver. Personagens para viajar e experimentar a vida com novos sabores.” (RAMOS, 2006, p. 48); agora, coloque-se no lugar desta autora, e mergulhe num mundo mágico e criativo, que une o real e o fictício, um vasto campo de possibilidades que os livros nos propiciam.

#### 4- A HISTÓRIA DE ANA MARIA MACHADO: UMA CRIADORA DE HISTÓRIAS

Desde que nasceu, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro, aos 24 de dezembro de 1941, Ana Maria, conforme Machado (1996) teve, e ainda tem, sua vida recheada por arte.

Expressões artísticas que apresentadas por sua família, desde cedo fazem parte do seu convívio social. Arte das mais variadas formas, música, literatura, histórias, pinturas; que representam a expressão da subjetividade e ou realidade, tanto do autor, quanto do leitor/intérprete.

Toda essa bagagem cultural e a referência familiar influenciaram Ana Maria e refletiu em sua maneira de escrever sobre o mundo, e para o mundo. É como ela mesma nos diz: “com elas a gente faz uma trança. E sonha com uma mudança.” (MACHADO, 1986, p. 60).

No contexto letrado em que Ana Maria viveu sua infância, não nos espanta o fato de ela ter aprendido a ler sozinha. A partir desse momento, Ana Maria começa a percorrer seus próprios caminhos de leituras; é quando conhece Lobato, e *As Reinações de Narizinho*, “o livro fundador, que marcaria sua vida para sempre”. (BELTRÃO, 2006, p. 303). Um livro que ultrapassa as barreiras do tempo, como a própria Ana Maria nos afirma, “[...] desde então nunca deixei de me deliciar com esse universo.” (MACHADO, 2002, p. 126).

E para ratificar essa influencia de Lobato em sua produção, Ana Maria confessa que “[...] um bando de gente que cresceu lendo e vivendo o universo lobatiano foi virando gente grande e começou a mostrar as marcas disso [...]”. (MACHADO, 1980 apud HOLANDA, 1980, p. 29).

Monteiro Lobato tornou-se o autor da infância de Ana Maria e também um grande exemplo da nossa literatura, contudo, a autora percorre um caminho paralelo ao de Lobato, respeitando as peculiaridades de cada época, criando e recriando novas histórias, pois “o próprio escritor esgotou os caminhos inventados e trilhados por ele.” (ZILBERMAN, 1998, p. 59).

A respeito da obra de Ana Maria e sobre a obra de seu precursor, Lajolo nos afirma:

A produção de Ana parece ter seu ponto zero no ponto de chegada da obra de seu mestre Lobato: ela traz para seus livros o perfil feminino, o respeito pela pluralidade cultural, a paisagem dos diferentes Brasis, os conflitos da sexualidade, o jogo em cena aberta com a musicalidade da língua portuguesa, temas e procedimentos pouco presentes na obra lobatiana. (LAJOLO, 2004, p. 17).

Ao ingressar na vida adulta, Ana Maria começa a carreira profissional pela pintura, ou seja, aquelas expressões artísticas apresentadas na infância, frutificaram; formou-se em Letras Neolatinas, foi jornalista, professora, tradutora, doutora pela École Pratique des Hautes Études, orientada pelo semiótico francês, Roland Barthes, e até, dona de livraria! E desta forma sempre exercitando e difundindo o seu dom, o dom da palavra.

No período da Ditadura, Ana Maria torna-se militante pelo direito democrático, foi presa e até mesmo exilada. Mas segundo a autora:

[...] a palavra tinha que ser mantida viva, porque incomodava muito aos ditadores e só através de sua ação multiplicada seria possível um dia convencer os indiferentes, para que todos, juntos, exigíssemos a volta da democracia e do estado de direito – com anistia, eleições diretas e uma nova Constituição. (MACHADO, 1996, p. 46).

Ana Maria ainda acrescenta:

Sou mesmo contra a corrente. Contra toda e qualquer corrente, aliás. Contra os elos de ferro que formam cadeias e servem para impedir o movimento livre. E contra a correnteza que na água tenta nos levar para onde não queremos ir. No fundo, tenho lutado contra correntes a vida toda. E remado contra a corrente, na maioria das vezes. Quando as majorias começam a virar uma avassaladora uniformidade de pensamento, tenho um especial prazer em imaginar como aquilo poderia ser diferente. (MACHADO, 1999, p. 7).

Compreendo então, Ana Maria como uma mulher corajosa que enfrenta os desafios à sua frente, que explora as oportunidades e as possibilidades de aprendizagem que a vida lhe proporciona.

Foi na Revista *Recreio*, da Editora Abril, em 1968, que Ana Maria começa a tecer suas primeiras histórias para o público infantil e foi um grande sucesso, como ela mesma nos indica:

Durante anos, foi esperada com ansiedade nas bancas, lida com sofreguidão nas casas, copiada e recopiada nas escolas por professores que viam em suas histórias a resposta a uma carência que sentiam e ninguém ainda havia detectado: a de textos bem brasileiros com qualidades literárias, falando de questões importantes da atualidade, e que pudessem ser lidos com prazer pelas crianças e, ao mesmo tempo, que divertissem. (MACHADO, 1996, p. 60).

A partir deste momento Ana Maria fez as suas produções literárias deslançarem, repletas de sentimentos, poesia, criticidade, sonhos, criatividade, possibilidades e realidades. Sua vontade de aproximar os leitores de sua obra fica evidente nos comentários feitos por Beltrão, referendados com as palavras da própria Ana Maria.

Fiel à compreensão de que o português do Brasil deve ser mais doce, mais colorido, mais rico do que o que herdamos, mostra, em cada escritura, o seu querer: 'Quero a língua brasileira com sua flexibilidade, sua variedade, seu ritmo, sua dança, sua gíngua inventiva, seu jogo de cintura, sua irreverência'. (BELTRÃO, 2006, p. 304).

A vasta produção literária de Ana Maria ultrapassa a marca de um livro ou uma tradução anual, portanto, para fins deste estudo limito-me tão somente a registrar uma obra de cada categoria por ano.

Devido ao grande volume de vendas da Revista Recreio, em 1977, a Editora Abril resolve fazer uma coletânea chamada Histórias de Recreio, contendo as histórias de maior sucesso de Ana Maria que foram: *Severino faz chover*, *Currupaco Papaco e Camilão*, *o Comilão*.

Neste mesmo ano, a autora tem seu primeiro livro infantil *Bento-que-bento-é-o-frade*, publicado pela editora Salamandra. Em 1978, Ana Maria participa de um concurso utilizando um pseudônimo e ganha o prêmio João de Barro com o texto *História meio ao contrário*, que logo após este prêmio foi publicado.

Nos anos seguintes, a autora continuou publicando suas histórias, dentre elas estão: *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Do Outro Lado tem Segredos* (1980), *De Olho nas Penas* (1981), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), *Praga de Unicórnio* (1983), *Série Mico Maneco* (1983-88), *Gente, Bicho, Planta: O Mundo me Encanta* (1984), *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca* (1985), *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), *Série Filhote e Série Moleque* (1987), *A Velha Misteriosa* (1988), *Uma Vontade Louca* (1990),

*Mistérios do Mar Oceano* (1992), *Série Adivinhe Só* (1993), *Um Herói Fanfarrão e sua Mãe Bem Valente* (1994), *O Touro da Língua de Ouro* (1995), *Beijos Mágicos* (1996), *Amigos Secretos* (1997), *Balas, Bombons, Caramelos* (1998), *Um Gato no Telhado* (1999), *Piadinhas Infames* (2000), *O Menino que Virou Escritor* (2001), *De Carta em Carta* (2002), *Portinholas* (2003), *Gente bem diferente* (2004), *Pedro Malasartes e outras Histórias à Brasileira* (2005), *Uma história de Páscoa* (2006), e muito mais.

As histórias de Ana Maria não se restringem apenas ao público infantil, além desses títulos, a referida autora se dedica aos adultos e também nos presenteia com belíssimas produções; *Recado do Nome* (1976), *Alice e Ulisses* (1983), *Tropical Sol da Liberdade* (1988), *Canteiro de Saturno* (1991), *Aos Quatro Ventos* (1993), *O Mar Nunca Transborda* (1995), *Esta Força Estranha* (1996), *Contra Corrente* (1999), *Texturas - sobre Leituras e Escritos* (2001), *Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo* (2002), *Palavra de Honra* (2005), *Romântico, Sedutor e Anarquista: Como e Por Que Ler Jorge Amado Hoje* (2006). E traduções que nos aproximam dos clássicos... *Dentro e Fora da Broadway: O Teatro Americano Moderno* (1968), *Maia* (1982), *O Imperador de Si Mesmo* (1985), *Chapeuzinho Vermelho e outros Contos de Grimm* (1986), *Robinson Crusóé* (1990), *Peter Pan* (1992), *Série Mitos e Lendas* (1992-95), *Linéia no Jardim de Monet* (1993), *Um leão na campina* (1995), *A Princesinha* (1996), *Alice no País das Maravilhas* (1997), *Os Caçadores de Mel* (1998), *Cuidado com o Menino* (1999), *Simbad - uma História das Mil e uma Noites* (2000), *O Egito* (2001), *Índios da América do Norte* (2002), *Viagens de Gulliver* (2003), *A Batalha dos Monstros e das Fadas* (2006), entre outras.

Boa parte desse acervo já foi premiada e, de alguma forma, contribuiu para o reconhecimento do trabalho de Ana Maria Machado. Vários prêmios importantes foram conferidos a autora no cenário nacional e internacional como o Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil mundial, premiada pelo conjunto da sua obra no ano 2000; em 2001, a autora ganhou o maior prêmio brasileiro de literatura o Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pela totalidade da sua obra; condecorações e medalhas fazem parte também desse merecido rol de prêmios; em 2003, Ana Maria foi eleita para ocupar a cadeira de número (um) da Academia Brasileira de Letras, e “pela primeira vez, um autor com

uma obra significativa para o público infantil e juvenil foi escolhido para a Academia.” (RAMOS, 2006, p. 18), um grande feito.

A produção de Ana Maria tornou-se um patrimônio para todos nós leitores que devemos conhecer, ler, reler, construir novos significados, enfim nos permitir a viver e a conviver, nos deliciarmos com as maravilhosas histórias criadas pela autora especialmente para mim e para você.

Como a autora mesma nos explica para nossa alegria e contentamento, porque escreve,

Por que escrevo? Simplesmente porque minha natureza, é isso que sei fazer direito. Se fosse árvore, dava oxigênio, fruto, sombra para todo mundo. Mas só consigo mesmo é fazer brotar palavra, história e idéia, para dividir com todos.[...] Também é por isso que escrevo: porque amo os livros, devo tanto a eles, quero colaborar na expansão desse universo. [...] obras para crianças, jovens e adultos – leitores de qualquer idade, sem os quais o livro não existe. (MACHADO, 2001, p. 177-78).

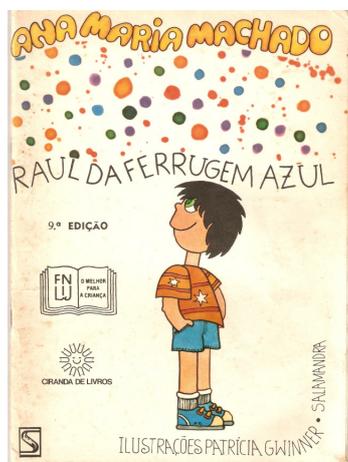
## 5- QUEM SÃO ESSES MENINOS – AS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO

As obras selecionadas e analisadas para fins deste estudo e especificamente para a construção deste capítulo, demandaram os seguintes procedimentos:

A leitura foi o principal procedimento metodológico da pesquisa. Nesse sentido, a concepção de leitura parafrástica e polissêmica, trazida por Orlandi (2003) foi fundamental, posto que a leitura do texto teórico foi realizada com o baixo grau de polissemia requerido e o texto literário, em razão do que sua linguagem potencializa pela via da conotação, com alto grau de polissemia. Li ainda, conforme concepções de Beltrão (2006), Coelho (1984; 2000; 2006), Faria (1999), Moisés (1995), Meireles (1984), Machado (1996; 2001; 2002; 2004), Zilberman (1998, 2003), Lajolo (2004), e outros.

Tanto o acervo teórico que deu suporte ao debate sobre questões específicas do objeto do estudo como daqueles conteúdos necessários para contextualização da pesquisa. Quanto aos percursos, iniciei pelo levantamento bibliográfico da obra de Ana Maria e sobre Ana Maria, seus dados biográficos. Para isso, acessei, inicialmente, o *site* da autora e outros que também tratam de sua produção. Neles, pesquisei sobre sua vida e carreira literária, e assim, obtive o material necessário para conduzir a pesquisa e demarcar as obras para análise. Do acervo pesquisado selecionamos intencionalmente seis títulos em que os meninos fossem protagonistas. São eles: *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Do Outro Lado tem Segredos* (1980), *Praga de Unicórnio* (1983), *O Natal de Manuel* (1985), *Gente bem diferente* (1996), *De Carta em Carta* (2002), fiz a leitura integral, produzi resenhas e destaquei os personagens meninos para estudá-los, conforme a orientação do que diz Faria (1999) e Coelho (2000).

### 5.1- Raul da Ferrugem Azul



Esta obra recebeu o Selo de Ouro, em 1980, pela FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

É um livro escrito na década de 70, mais precisamente no ano de 1979, publicado durante a ditadura militar, esse foi um período de repressão, perseguição política e censura aos que eram contra o regime imposto pelos ditadores.

Como compreende Leahy, “em regimes de força, o pensamento crítico é subversivo da ordem imposta, [...]”. (LEAHY, 1999, p. 115). Este foi um período no qual diversos autores de livros infantis se inspiraram para protestar. Como registra a autora, “[...] como cidadãos estávamos tão mobilizados nas questões de nosso tempo que tudo isso, inevitavelmente, aparecia no que escrevíamos.” (MACHADO, 2001, p. 82).

E ainda acrescenta que:

[...] por incrível que pareça, os militares não deram a menor importância aos livros para criança. [...] E acabou ocorrendo algo inesperado: foi justamente a partir do AI-5 que houve o chamado *boom* da literatura infantil brasileira [...]. (MACHADO, 2001, p. 81).

Neste livro, Ana Maria trata da violência, da agressão que sofremos, quando não podemos ou não conseguimos expressar o que realmente pensamos ou sentimos. Não é uma violência física, mas que deixa profundas marcas em nosso ser.

Raul nos traz a possibilidade de refletirmos sobre os problemas e injustiças que acontecem à nossa volta, mas que não temos condições e nem mesmo coragem para enfrentá-los; falta coragem para nadarmos contracorrente, falar, gritar, esbravejar, fazer de tudo para não enferrujar.

Mas, – “E gente enferruja?” (MACHADO, 1979, p. 8). Esse é o questionamento mobilizador e motivador da história *Raul da Ferrugem Azul*.

Este é um livro protagonizado por uma criança; Raul, um menino pacato, bom, comportado, obediente, não é respondão, enfim um exemplo de criança.

[...] ele não era de se meter em brigas e mesmo quando não gostava de alguma coisa que os outros faziam, não dizia nada. Não chateava os outros. Não entregava ninguém. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém. Todo mundo sabia que ele era um menino bonzinho e comportado. (MACHADO, 1979, p. 9).

Não, não, não... Fica claro que Raul era reprimido, contido pelos moldes, amarras e convenções sociais a que era submetido; e esse comportamento todo “certinho” e “politicamente correto”, despertava nos colegas um sentimento de inferioridade por Raul, e o atacavam com xingamentos e zombaria; “[...] seu idiota [...], careta. [...] as risadinhas dos outros, os olhares debochados [...]” (MACHADO, 1979, p. 8-9).

Não gostava de injustiças, e sempre que presenciava alguma, ficava com muita raiva. Como ele não extravasava, não colocava para fora seus sentimentos de indignação e raiva, começaram a aparecer manchas azuis pelo corpo de Raul.

[...] olhou para o braço e viu umas manchinhas azuis que nunca tinha visto antes. [...] e que era aquilo na perna? Parecia uma manchinha azul [...].[...] Subindo o pescoço, cobrindo a garganta, azulando a boca, a ferrugem era tanta... (MACHADO, 1979, p. 11-15-21).

As manchas de Raul eram invisíveis (psicológicas), só ele conseguia vê-las; para ter certeza se alguém via as ferrugens, saiu perguntando: “- mãe tá vendo alguma coisa diferente no meu braço? – estou, sim, filho. Você está cada dia mais forte.” (MACHADO, 1979, p. 14). Preocupado com elas, Raul resolve procurar ajuda, procura daqui, dali, até que Tita, sua empregada, diz que o Preto Velho pode ajudá-lo, e o menino vai atrás da ajuda.

No caminho, Raul encontra Estela, uma menina que como ele detesta injustiças, mas que não leva desaforos para casa; contesta, discute, compra a briga de quem está sendo oprimido e injustiçado; ele se surpreende e se espanta com a coragem e o atrevimento da garota que até: “perdeu a fala [...]”. (MACHADO, 1979, p. 34).

Raul descobre, com a ajuda do Preto Velho e de Estela, que só ele tem o poder de acabar com a sua ferrugem. Então já na volta para casa, Raul começa a exercitar sua possibilidade de cura, de desenferrujamento, defendendo uma mulher no ônibus:

“- Moço, o senhor não está vendo que ela está carregando peso? Faça o favor de esperar. Cala a boca já morreu. Quem manda em mim sou eu. [...] porque não conseguiu ficar calado, não dava para engolir.” (MACHADO, 1979, p. 44-45).

E assim, Raul percebe que sua ferrugem azul começou a desaparecer, bastou somente ele querer e se posicionar.

[...] e teve uma surpresa: a ferrugem do pescoço tinha desaparecido. Abriu a boca, botou a língua de fora. Nem sinal de ferrugem na garganta. Olhou depressa para os braços e as pernas. Lá, ainda havia as manchas azuis. Mas bem mais fracas. E agora ele não se preocupava mais com elas. Sabia que iam sumir. [...] Afinal, ele não era bicho, sabia falar, tinha vontade, sabia querer, sabia se defender. Nem precisava se preocupar. (MACHADO, 1979, p. 45).

A partir da ajuda recebida Raul começa a se conscientizar de que não deve ficar apático, covarde, sem atitude, diante das dificuldades do cotidiano.

Ele compreende com as atitudes de Estela, porque também aprendemos pelo exemplo, que não é brigar por brigar, sair batendo, dando porrada em todo mundo, mas também, não baixar a cabeça e aceitar tudo que nos for imposto.

Que o desenferrujamento se dá continuamente, um pouquinho a cada dia; que não é errado e não é feio reclamar, reivindicar seus direitos e o dos outros, enfrentar os problemas e não nos deixar abater por eles devemos sim, é enfrentá-los, ter ousadia em buscar soluções e não nos esconder.

E apesar de toda essa reflexão, esse mergulho em si mesmo para se conhecer melhor e se descobrir como cidadão, capaz de se defender e defender os outros; Raul como toda criança também sonhava e se imaginava como um príncipe, com problemas, ferrugens, mas, um príncipe.

Ele mesmo vai nos contar como ele começou, a sua história:

Era uma vez um velho muito velho e muito sábio que morava sozinho no alto de uma montanha. [...] um dia, um jovem que morava na aldeia ao pé da Montanha Mágica foi atingido por um misterioso encantamento das fadas invisíveis. [...] tinha voz para cantar e falar. Tinha mãos para pegar e fazer. Tinha pernas para andar e correr. Tinha cabeça para inventar e pensar. Mas como ele morava num lugar onde as pessoas faziam quase tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar esses dons. E ele foi desacostumando. E alguns deles foram enferrujando... [...] Ninguém sabia, mas ele era um príncipe e seu sangue azul começou a aparecer na pele, ameaçando revelar a todos o seu segredo. (MACHADO, 1979, p. 26 e 46).

Você deve estar se perguntando: - e o fim? Bom, o fim ele não contou, mas podemos imaginar...

### **5.1.1 - O menino Raul**

A minha opção por pesquisar as personagens meninos, peças-chave das histórias que tanto nos encantam, despertam curiosidade, vontade de conhecê-los mais intimamente, tal como já mencionei, me permitiu o encontro com Raul.

Pelo estudo feito, temos condições de traçar o perfil físico e psicológico de Raul. Começamos então pelo físico: quem é Raul fisicamente, como ele se apresenta em nossa imaginação, nesse terreno tão fértil e cheio de possibilidades de construção e reconstrução? O nosso menino Raul, o da ferrugem azul, não é muito diferente do apresentado por Ana Maria Machado.

Muito embora haja uma ilustração, uma imagem, da ilustradora Patrícia Gwinner, acompanhando a narrativa escrita, preferimos não tomá-las como base para descrever o perfil do menino; mas podemos inferir conforme nos permite nossa imaginação que ele era um menino branco, com cabelos lisos, escorridos até; a estatura de uma criança de dez anos mais ou menos, magrinho, mas a mãe e o pai achavam que ele estava “cada dia mais forte. Tá com um muque de fazer inveja.” (MACHADO, 1979, p. 14).

Quanto ao perfil psicológico de Raul posso também inferir que é um menino muito humano e tinha plena convicção desta sua condição, mas às vezes queria resolver tudo sozinho e até se questionava: “como é que ficava querendo dar uma de super-homem?” (MACHADO, 1979, p. 16), era um menino cheio de conflitos como qualquer um, apesar disso, “todo mundo sabia que ele era um menino

bonzinho e comportado.” (MACHADO, 1979, p. 9), era uma criança que não dava trabalho para ninguém e suas atitudes demonstravam que:

[...] ele não era de se meter em brigas e mesmo quando não gostava de alguma coisa que os outros faziam, não dizia nada. Não chateava os outros. Não entregava ninguém. Não desobedecia. Não dava resposta malcriada. Não gritava com ninguém. (MACHADO, 1979, p. 9).

Justo e ético, sabia e respeitava que “em menino menor não se bate.” (MACHADO, 1979, p. 9). Respeitava também a diversidade e “isso de achar que a cor das pessoas faz alguém ser melhor ou pior que os outros. Isso de racismo, de qualquer tipo.” (MACHADO, 1979, p. 20), deixava o menino com muita raiva.

Raul também era criativo, e usava toda a sua imaginação para recriar a sua história:

Era uma vez um menino que quando nasceu recebeu das fadas invisíveis uma porção de dons especiais. Tinha voz para cantar e falar. Tinha mãos para pegar e fazer. Tinha pernas para andar e correr. Tinha cabeça para inventar e pensar. Mas como ele morava num lugar onde as pessoas faziam quase tudo para ele, muitas vezes não era preciso usar esses dons. E ele foi desacostumando. E alguns deles foram enferrujando... (MACHADO, 1979, p. 46).

Como todos nós temos nossos conflitos internos, Raul também tinha os seus que se refletiam de uma forma que o deixava medroso, covarde e inseguro. Em várias ocasiões Raul demonstra esses sentimentos tomarem conta dele.

Numa situação onde ele poderia fazer a diferença e ajudar uma pessoa, ficou apenas imaginando como poderia e deveria ter feito: uma “briga que nem houve. Mas que deveria ter havido. Só de pensar, Raul ficava com raiva outra vez. Vontade bem que ele tinha. Mas em menino menor não se bate.” (MACHADO, 1979, p. 8 e 10).

E desta vez, não enfrentou porque:

Os colegas não se mexeram e ficaram olhando de longe e dando gargalhada, ele também não saiu do lugar. Não estava achando a menor graça e não conseguia rir. Mas também não se mexeu. Ficou só sentindo vontade de ajudar o menino, de dar umas passadas largas, correr até lá espernear, chutar. Mas ficou ali como se estivesse grudado no chão. (MACHADO, 1979, p. 15).

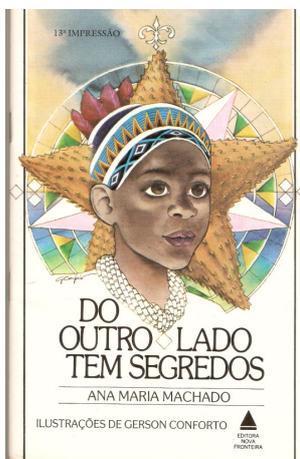
E outro dia em uma conversa entre amigos começou um papo de “neguinhos..., preto no escuro..., um crioulinho mal encarado...” (MACHADO, 1979, p. 20), e dessas conversas Raul não gostava,

Mas essas eram coisas que [ele] só pensava e não tinha coragem de falar. Vontade, bem que tinha. E raiva. Se tinha uma coisa que fazia ele ficar furioso, essa era uma delas. Isso de achar que a cor das pessoas faz alguém ser melhor ou pior que os outros. Isso de racismo, de qualquer tipo. Mas com toda raiva, não falou nada. Medo de que rissem dele. Hábito de não falar das coisas que iam dentro da cabeça. (MACHADO, 1979, p. 20).

Talvez seja pela repressão sofrida por ele, pelo engessamento social, que inibe, coíbe qualquer um; e mesmo que Raul tenha sofrido tanto, ainda bem que apesar da “resposta que, ao nível do discurso, não chega a ser dada, sendo apenas sugerida ao nível simbólico.” (COELHO, 2000, p. 80), ele conseguiu compreender e começou a se desenferujar.

A partir dessas considerações, podemos dizer, segundo Coelho (2000, p. 75), que Raul é uma “personagem – caráter” (2000, p. 75), “é mais complexa, porque representa comportamentos ou padrões morais.” Podemos perceber na narrativa que “os pensamentos, impulsos ou ações que as movem [personagens] na trama [...] revelam sempre aspectos do caráter, da estrutura ética ou afetiva que as caracteriza.” (COELHO, 2000 p. 75). Pelos argumentos de Faria (1999, p. 46), Raul pode ser considerado uma criança modelada, ou seja, “comporta-se como um adulto em miniatura, enformada que foi desde cedo pelos modelos sociais impostos pelos responsáveis por sua educação.” Mas, no desenrolar da narrativa, a personagem vai se transformando numa “personagem-individualidade”, isto é, “que se revela ao leitor através das complexidades, perplexidades, impulsos e ambigüidades de seu mundo interior.” (COELHO, 2000, p. 76).

## 5.2 – Do Outro lado tem segredos



Este livro foi bastante traduzido sendo publicado em espanhol, dinamarquês, sueco e norueguês.

A narrativa nos permite uma reflexão a respeito da cultura negra, bem como da sua valorização.

Como nos diz Coelho (2006),

Sugere o caminho que leva à descoberta da negritude como valor essencial, a fim de que se torne possível a plena realização daqueles que a representam no contexto das raças. Caminho que aponta para a descoberta da África como mãe primordial, como geratriz dos grandes valores existenciais inerentes à raça negra. (COELHO, 2006, p. 79).

Nesta obra, publicada pela primeira vez em 1980, Ana Maria nos conta a história de Bino, mas seu nome de batismo é Benedito, um filho de pescadores que morava numa vila chamada Guriri. O menino Bino sempre ajudava os pescadores da maneira que podia: “carregando samburá, esvaziando a água do fundo da embarcação [...], procurando buraco na rede, recolhendo peixe salgado [...]”. (MACHADO, 1985, p. 7). De tanto observar e ajudar, Bino já conhecia os segredos do mar. E, quando avistava alguma coisa diferente, corria logo para chamar os pescadores:

- Olha só, Dilson, tem uma mancha azul na água. Ali, olha. Vindo da ponta para cá.  
 - É mesmo, Bino, toda crespinha. Xi, a água está fervendo...  
 - Peixe muito! Está vindo da ponta para o *lanço*! Depressa...  
 Parecia até palavra mágica. [...] de repente virou um formigueiro. Cada um corria numa direção e todo mundo sabia muito bem o que tinha que fazer. (MACHADO, 1985, p. 8).

Os pescadores trabalhavam unidos e bem alegres, “[...] todo mundo canta junto, todo mundo trabalha junto, [...]” (MACHADO, 1985, p. 11). E apesar do ritmo agitado e frenético os pescadores diziam que “era uma correria, uma animação, uma festa de trabalho.” (MACHADO, 1985, p. 13).

Assim de *adjutório* em *adjutório*, este é um modo bem peculiar de falar do povo mais antigo de Guriri, Bino ia se formando e especializando nas artes de pescar e “era só ficar um pouquinho mais velho e lá ia ele também um dia mar afora.” (MACHADO, 1985, p. 7).

Bino ficava olhando o mar e pensando,

Tem tanta coisa no mar... A gente olha assim, vê só um monte de água, com espuma, mexendo, cada dia de cor diferente. Mas tem muita coisa que a gente não vê. [...] Como é o outro lado do mar? [...] acho que quando eu crescer quero ir até o outro lado, ver tudo que tem. (MACHADO, 1985, p. 15-16).

Pensando em como seria do outro lado do mar, mas de uma coisa ele sabia, que tinha segredos e estes o menino queria descobrir.

Seguindo o conselho de seu amigo Dilson que lhe falou: “– o pessoal mais velho às vezes sabe dessas coisas. Pergunta à sua avó. Ao tio João. [...] seu Mané Faustino.” (MACHADO, 1985, p. 24), Bino começou a perguntar aos mais velhos de Guriri, aos amigos Dilson e Maria, ao irmão Tião, perguntou aqui e ali para tentar descobrir o que tinha do outro lado do mar.

Bino perguntou à sua avó, que lhe era mais próxima, da família porque ele: “[...] não tinha jeito de chegar assim, sem mais nem menos e ir logo falando dessas coisas misteriosas com as pessoas.” (MACHADO, 1985, p. 24). Perguntou ele: “- vó, que é que tem do outro lado do mar? Ela parou e ficou pensando, o olhar perdido. Falou alguma coisa que o neto não entendeu bem. Aruanda? Luanda? Angola?” (MACHADO, 1985, p. 20).

Bino continuou a se informar desta vez, conversava com seu Mané Faustino e aproveitou para perguntar:

- E do outro lado seu Mané Faustino?
- Do outro lado também, só tem água e céu. No mar oceano é assim, de todos os lados.
- Meu filho, nunca fui para lá a vida toda. Nem conheço gente que foi. Mas quando eu era criança, moleque que nem vocês dois, conheci muita gente que era filha de gente que tinha vindo de lá.
- [...] Conta tudo seu Mané Faustino...
- Coisa triste da viagem, do cativoiro, dos maus tratos. Pai para um lado, filho para outro, pancada, todo mundo sem entender nada do que estava acontecendo, tudo amontoado no porão, preso com corrente, sem saber para onde ia, sem querer comer para ver se morria de uma vez e acabava

com aquele inferno... Coisa triste... Não é bom lembrar... (MACHADO, 1985, p. 25-27).

O menino não se contentou e queria saber mais daquela gente tão sofrida e humilhada que foi “arrancada” de sua terra, seus costumes, seus valores, sua religião, sua comida, enfim um povo que foi massacrado pelos colonizadores sem ao menos poder se defender.

E Bino queria saber mais daquela história: “e do lado de lá do mar? Que é que tem? De onde é que eles vinham? Que é que tinha lá? - Coisa boa... Terra de rei... E todo mundo solto trabalhando junto, comendo junto, fazendo festa...” (MACHADO, 1985, p. 27).

Bino ficou tão interessado pela história de seus antepassados que até se esqueceu do melhor, da sua festa, digo a festa de São Benedito, também que é de origem africana de lá do outro lado do mar, então posso dizer que é uma festa de todos nós e já estava perto.

É uma festa muito animada, vai ter de tudo um pouco, “[...] vai ter procissão e quermesse, aquelas barraquinhas todas, com prenda, rifa, muita música. [...] puxada de mastro [...], [...] vai ter Congada...” (MACHADO, 1985, p. 30).

Bino adorava esta festa, que também era um pouco sua, afinal seu nome também era Benedito e acredito que era em homenagem ao santo, e ele também “não era pretinho?” (MACHADO, 1985, p. 36). Era a festa de Bino, o menino Benedito!

Bino encontrou com Maria, sua amiga até então, porque ele começou a perceber que “gostava do jeito de Maria, da alegria dela, dos olhinhos bem pretos brilhando [...]”. (MACHADO, 1985, p. 30). Entre brincadeiras e conversas, o menino também perguntou para ela:

- Maria, você já ouviu falar como é que era lá do outro lado, antes dos homens chegarem e carregarem todo mundo preso?
- [...] Não, nunca pensei nisso.
- [...] Sei que eles tinham reis também. Quando os homens trouxeram aquela gente toda presa, para ser escrava do lado de cá, trouxeram também os reis deles. E depois os filhos e netos se espalharam por aí, podem estar em qualquer lugar. (MACHADO, 1985, p. 30 e 33).

E assim, Bino ficou pensando se ele também poderia ser uma realeza, cujos ascendentes tinham vindo de uma terra que fica lá do outro lado do mar, mas aí veio Dilson com umas idéias de que: “- tem que ter avô, ou bisavô, ou tataravô que tenha vindo do outro lado do mar. No porão de um navio. Amarrado e maltratado. Cativo. Pra ser rei de verdade, só quem já foi cativo.” (MACHADO, 1985, p. 33). Esse Dilson tem cada uma...

Tião irmão mais velho de Bino voltou da cidade grande “[...] estava forte, bonito, com jeito de gente grande! [...] Parecia um príncipe. [...] Tão maravilhoso [...]”. (MACHADO, 1985, p. 37). Voltou cheio de novidades, da cidade grande, da escola, Bino ficou muito interessado, pois tinha muita vontade de ir à escola para aprender tudo, tudo o que pudesse, não sabendo ele que também poderia ensinar, porque o processo de ensino-aprendizagem é uma troca de saberes e experiências; “ah, a agonia que [...] tinha para saber de tudo, ler tudo que existisse para ler...” (MACHADO, 1985, p. 24).

Bino não estava se contendo de tanto que queria saber sobre o outro lado do mar, e perguntou a Tião, para ver se ele sabia mais sobre este mistério; Tião então começou a lhe falar do que sabia sobre a África:

África é uma só. [...] É igual à mãe da gente. Foi de lá que a nossa gente veio.

- Eu sei, isso eu sei – foi-se animando Bino.- A gente veio nos navios, tudo cativo, amarrado, levando pancada. Depois foi todo mundo espalhado na terra do lado de cá, trabalhando de graça para os outros, sem poder ir embora. Só não entendo é como é que deu para espalhar tanto, para um ficar tão longe do outro, se antes era tão perto numa África só...

- É que a África é muito grande, Bino. E a gente foi espalhado de propósito, porque se ficasse perto podia combinar fugir, bater no dono, alguma coisa assim. Mas mesmo lá na África, não ficava todo mundo perto uns dos outros. Lá tem muitos lugares. Tem Guiné, tem Angola, tem Congo... (MACHADO, 1985, p. 40).

E essa conversa teve que ficar para outro dia porque nesse dia, foi interrompida por batuques e uma boa cantoria de um pessoal que vinha se chegando.

Chegou o dia da festa, todos em Guriri estavam muito felizes e animados, Bino então, nem se fala, “no maior assanhamento [...]”. (MACHADO, 1985, p. 30). “Dilson

estava todo arrumado. Tião, numa elegância... Maria estava linda, de vestido estampado e fivela de flor no cabelo.” (MACHADO, 1985, p. 45).

Todo mundo numa animação, de roupa nova, alegre de fazer gosto. A vila toda cheia de bandeirinhas. Primeiro ia ser a procissão, de vela na mão, cantoria na boca, fita de cor no ombro, véu na cabeça. Depois, a puxada de mastro, com todo mundo cantando pelo caminho até fincar em frente da igreja aquele pau todo pintado com a bandeira se São Benedito colorida, balançando lá em cima. Depois, a congada, com a coroação dos Reis do Congo, cheia de jóias e danças, pelo meio de jogos e lutas, tudo muito solene e festivo. (MACHADO, 1985, p. 43).

A festa continuou bem animada, com suas músicas e danças, “cheias de voltas e de passos, de cumprimentos e reverências.” (MACHADO, 1985, p. 46).

Agora a festa terminou, mas a história ainda não, e Bino continuou a pensar na luta e na cultura do seu povo; nos múltiplos caminhos e possibilidades de leituras, de escolha de vida, com sentimentos e amores, como o que acabara de descobrir por Maria. Caminhos que se abriam a sua frente.

E dessa forma, Bino descobriu que:

Ele era capaz de ler. Ainda não lia os livros, feito Tião. Mas lia feito a avó Odila e Mané Faustino, feito a avó de Maria e o Rei Congo, feito Zumbi do reino do Quilombo. Bino estava lendo na flor e na estrela do mar, capaz de ler no cristal e nas estrelas. E se olhasse os búzios e as conchas, entendia agora que cada um aponta para um lado e os caminhos da gente seguem muitas direções. (MACHADO, 1985, p. 50).

Bino acabara de descobrir que sabia ler sim, e muito além da leitura contida nos livros, é uma leitura mais ampla, abrangente, uma leitura de mundo, do seu mundo, uma leitura que, segundo Freire (2006), antecede a leitura da palavra. Uma leitura capaz de conscientizar e libertar, de fazer com a que leitura da palavra aconteça da maneira que o educando compreenda, contextualize e relacione com o seu cotidiano, com a sua história de vida.

### **5.2.1 - O menino Bino**

Agora vou viajar na história e com a ajuda de Ana Maria, vou traçando o perfil físico de Bino. Ele era um menino negro, bem pretinho da cor de jabuticaba, a

carapinha, ou melhor, o cabelo, era de um crespo sem igual, tinha uns olhos bem grandes, negros como a noite, o nariz achatado, a boca era grande e carnuda, ele era magro, alto e bem forte, pois correr na areia da praia, nadar e ajudar nos serviços da pescaria, já colaborava e muito para delinear esse físico que descrevi, tudo isso era uma excelente malhação.

Ihh... Acho que acabei de descrever um “negro gato”, mas não tem problema, é isto mesmo que essa obra nos sugere, “Ana Maria faz de Bino o ponto de convergência entre o real e o mito.” (COELHO, 2006, p. 79).

Mas toda essa “festa de trabalho” (MACHADO, 1985, p. 13), dava uma canseira danada, e deixava o menino “quase sem fôlego de tanta correria para avisar os homens, de tanta força para ajudar a empurrar as canoas.” (MACHADO, 1985, p. 9), e Bino achava tudo muito “divertido, [...] adorava. Bonito de se ver e gostoso de fazer.” (MACHADO, 1985, p. 10).

O perfil psicológico podemos construí-lo, com os fragmentos que compõem a narrativa, Bino era um menino notoriamente trabalhador, esforçado e interessado em aprender o ofício de pescador, e só estava esperando “ficar um pouquinho mais velho e lá ia ele também um dia mar afora.” (MACHADO, 1985, p. 9). Mas ele também gostaria muito de estudar, sonhava um dia ir “para a cidade [...], para a escola, [...]. E aí ele ia dar um jeito de ver tudo o que tem do outro lado do mar.” (MACHADO, 1985, p. 17). Ele queria muito conhecer as letras, dominar as palavras, desbravar novos mundos através da leitura; “ah, a agonia que [...] tinha para saber de tudo, ler tudo que existisse para ler...” (MACHADO, 1985, p. 24).

Mas enquanto este dia não chegava, o menino Bino ia construindo o seu conhecimento através da curiosidade, e da ajuda do povo mais velho de Guriri, que foram tecendo os fios da imaginação de Bino, para que ele pudesse aprender sobre seu povo e sua cultura.

Mesmo sem compreender a leitura das palavras, a história de leitura de Bino foi sendo construída a partir do que foram lhe contando; histórias, segredos e mistérios de um povo guerreiro e muito trabalhador que vivia do lado de lá... Do outro lado do mar. Com isso, Bino foi exercitando a sua criatividade, ia imaginando e se imaginando, nas histórias, de Guiné, Angola, Congo, Aruanda, Luanda; muitas histórias destas Áfricas, que “é uma só. [...] É igual à mãe da gente. Foi de lá que a

nossa gente veio.” (MACHADO, 1985, p. 40). Histórias que contavam o sofrimento do seu povo e que Bino estava conhecendo, era como se ele estivesse vivido aquele momento, pois sabia que lá, era “- Coisa boa... Terra de rei... E todo mundo solto trabalhando junto, comendo junto, fazendo festa...” (MACHADO, 1985, p. 27). Até que foram retirados de sua terra para ser explorada em terra alheia. Bino sofria junto com seu povo “- A gente veio nos navios, tudo cativo, amarrado, levando pancada.” (MACHADO, 1985, p. 40).

Mas a história na imaginação do menino ia além deste momento triste, ele também podia ser um nobre, um príncipe quem sabe, “herdeiro de Zumbi (ou Zâmbi [...]);” (COELHO, 2006, p. 79).

Bino mostra-se também romântico e amável, achava que sua amiga “Maria estava linda, de vestido estampado e fivela de flor no cabelo. Ela ficava bem de flor. Parecia flor também.” (MACHADO, 1985, p. 45). E no momento que Maria lhe deu um jasmim, Bino ficou pensando sem saber que tudo aquilo era poesia:

No cristal, tinha visto estrela da terra. De noite, conhecia estrela do céu. [...] Um jasmim era estrela do quê? De cheiro? De cor? De terra, talvez, porque nascia na terra. Da água, talvez, porque precisava regar. Do céu, talvez, porque o cheiro seguia a brisa. Mas talvez também fosse de mostrar caminhos.

Na palma da mão o jasmim, com pontas.

Outra ponta mostrava Maria, com cheiro de mato e brilho de fonte, sorrindo para ele, abrindo um caminho.

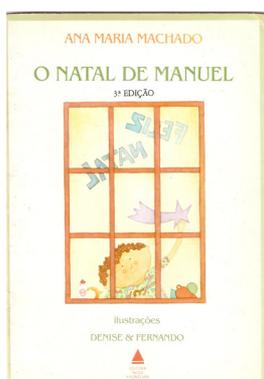
Outra ponta mostrava ele mesmo. [...] com tudo que tinha dentro, todas as idéias girando, todos os sentidos batendo no coração, uma estrela de tantas pontas dentro do peito, piscando e iluminando, jasmim espalhando perfumes, brilhos virando luz de cristal, rosa dos ventos mostrando caminhos, tantos caminhos. [...] cada um numa direção. (MACHADO, 1985, p. 49-50).

E Bino “cheirou a flor, ajeitou no cabelo de Maria, deu um beijo nela.” (MACHADO, 1985, p. 51), nesta hora, o menino percebeu que “ estava começando a virar Zumbi.” (MACHADO, 1985, p. 51).

Com os argumentos de Coelho (2000) e Faria (1999), o compreendemos como uma “personagem – caráter” que “é mais complexa, porque representa comportamentos ou padrões morais.” (COELHO, 2000, p. 75). Pois, ao desvendar a narrativa, percebemos e concordamos com (FARIA, 1999, p. 31), que a personagem

começa a revelar todo um “potencial dramático maior e podem atingir mais profundamente o leitor, perturbando-o, mexendo com ele, [...]”. De acordo com Faria (1999), podemos também compreender Bino como uma personagem positiva boa, durante a narrativa suas características morais vão se destacando como a generosidade, a bondade, a compreensão e ajuda ao próximo.

### 5.3 - O Natal de Manuel



Este é um livro que foi escrito em 1980, que conta à história de André um menino que queria descobrir o que é o Natal, o seu significado; partindo deste questionamento, “a narrativa vai nos mostrando as múltiplas verdades que podem coexistir num fato ou numa situação.” (COELHO, 2006, p. 82).

E André começa a perguntar a todos à sua volta e também aguça nos seus ouvidos, para tentar descobrir o que é o Natal, pois até àqueles a quem o menino não pergunta de alguma forma o responde. E assim André encontra as mais diversas respostas, aliás, como era de se esperar.

E ele começa sua coleta de informações pela mãe que cuidava dos preparativos da festa natalina: “– mãe, que é Natal? – é a festa do nascimento do menino Jesus”. (MACHADO, 1985, p. 5). E o tio Valdemar que acabara de chegar, logo começou a comentar: “Natal é um tempo ótimo para ganhar dinheiro”. (MACHADO, 1985, p. 5). Já a tia Marta que estava cansada do corre-corre impulsionado pelas compras natalinas, disse: “esse negócio de comprar presentes [...] mata [qualquer um]. Natal é um inferno.” (MACHADO, 1985, p. 6).

Desta forma, cada vez mais, André ficava confuso e não conseguia elaborar a sua idéia do que seria o Natal, também com tantas divergências nas respostas. Mas o menino não desiste e continua a sua incansável pesquisa, porém ainda restrito as pessoas mais próximas, e seus familiares; foi quando ao passar pelo corredor ouviu: “– estou louca para chegar logo o Natal, para eu usar meu vestido novo.”

(MACHADO, 1985, p. 6). Era a sua irmã mais velha que falava ao telefone. Da cozinha, “no meio de uma porção de fôrmas e panelas [...]”. (MACHADO, 1985, p. 6). Ouvia-se a voz da cozinheira que reclamava: “- eu não agüento mais. Todo Natal é esta trabalhadeira...” (MACHADO, 1985, p. 6-8). Mais confuso do que antes, André resolve expandir a sua incansável pesquisa, e vai para a rua em busca da resposta que tanto procura; lá encontra algumas crianças brincando. Primeiro André recorre a Henrique; ah, quem é Henrique? Vou lhe dizer, ele era apenas: “[...] o primeiro aluno da classe, sabia sempre todas as lições, respondia a tudo. Devia saber.” (MACHADO, 1985, p. 8). Então perguntou André: “- Henrique, que é Natal? – é a capital do Rio Grande do Norte.” (MACHADO, 1985, p. 8).

Tião que é “o filho do porteiro do prédio ao lado [...]”. (MACHADO, 1985, p. 8), Também resolve ajudar e responde: “- Natal era um cara lá de Madureira, que ajudou muita gente.” (MACHADO, 1985, p. 8).

Até no rádio André ouviu uma opinião que dizia: “- aproveite o Natal e troque sua geladeira! E depois: - o Natal é um presente que você trabalhou para merecer.” (MACHADO, 1985, p. 10).

E André foi ficando com a cabeça cheia de minhocas, digo, idéias, fervendo e nada de solucionar a sua questão: o que é o Natal?

A avó do menino também chegou (antecipadamente) para a comemoração natalina e desta vez, foi ela quem fez uma pergunta a André: “- você está se portando direitinho, André? Amanhã é Natal, dia de menino bonzinho ganhar presente.” (MACHADO, 1985, p. 10).

Quando seu pai chegou em casa do trabalho, o menino também lhe perguntou sobre o Natal, e como um trabalhador que anseia por um dia de descanso respondeu: “- um dia ótimo, feriado. Não tenho trabalho.” (MACHADO, 1985, p. 10).

Chegou a hora de André dormir, mas você pensa que ele conseguiu fazer isso assim, rapidinho, apenas fechando os olhos? Engano seu. As respostas ficaram fervendo na cabeça do menino foram tantas informações...

[...] Natal é um tempo ótimo para ganhar dinheiro. É dia de ficar em casa sem trabalhar. É uma trabalhadeira. É um presente. É um inferno. É hora de trocar a geladeira. É um homem lá de Madureira. É a capital do Rio Grande do Norte. É dia de botar vestido novo. É dia de menino bonzinho ganhar presente.” (MACHADO, 1985, p. 12).

Amanheceu e André resolve falar com mais um amigo, é o Manuel, não conhece? Mas você não conhece ninguém não é? Vou lhe dizer quem é: “Manuel era o maior amigo dele [André], colega na escola pública, um menino muito pobre, filho de Dona Maria e de Seu José, marceneiro e biscateiro que morava na favela ali perto.” (MACHADO, 1985, p. 12-14).

E André foi logo falando: “- Manuel, eu queria descobrir o Natal de verdade.” (MACHADO, 1985, p. 14). Manuel respondeu com muita sabedoria:

- Natal é o que a gente acha que é. Cada um tem o seu, de um jeito diferente. Para você, Natal é o que, André?  
 - Sei lá... Um dia de estar todo mundo junto, alegre. Uma festa.  
 - É isto mesmo. Mas tem alguns segredos.  
 [...] precisa é ser bom. Bom mesmo. Emprestar brinquedos para os outros. Não maltratar os animais. Não bater em menino menor. (MACHADO, 1985, p. 14).

Após ouvir toda essa explicação, André convidou seu amigo Manuel: “- você não quer vir com seus pais passar o Natal lá em casa conosco? – Querer, quero. Mas nós vamos estar ocupados hoje... Não posso prometer. Quer dizer, não vou, mas vou.” (MACHADO, 1985, p. 16).

André foi embora, e mais tarde começou a festa, a família estava toda reunida, “os avós, os tios, os primos, os irmãos, os amigos.” (MACHADO, 1985, p. 16). Todos estavam muito alegres e animados. Havia muita comida gostosa, muitos presentes, porém estava faltando a lembrança do verdadeiro sentido do Natal.

Mas André que se esforçou para compreender o sentido da festa, finalmente conseguiu e se:

Lembrou que aquela festa toda era por causa do nascimento do menino Jesus. E começou a conversar com ao aniversariante, que estava quietinho lá no presépio [...].  
 - Como é, Jesus, está gostando de sua festa? (MACHADO, 1985, p. 18).

André aprendeu muito mais do que o significado do Natal aprendeu a respeitar a opinião dos outros e a construir a sua própria, aprendeu sobre os valores morais,

como o consumismo muito freqüente nesta época, e assim André foi aprendendo, aprendendo...

Aprendeu que Natal é um dia de festa, mas não é muito diferente dos outros dias. Quem é interesseiro o ano todo, continua interesseiro no Natal. Quem é resmungão, continua resmungão. Quem é invejoso, também. Quem só pensa em comer, só vê comida. Quem gosta das pessoas fica feliz porque todo mundo está alegre junto.

E quem é bom e quer encontrar o Natal de verdade pode até descobrir que o menino Jesus é um amigo da gente. (MACHADO, 1985, p. 20).

E o principal aprendizado é que o melhor do natal é estar junto de quem a gente gosta, numa confraternização para renovar os laços de sentimentos e emoções como o amor, amizade, a alegria...

Vale ressaltar aqui que a estratégia utilizada por André - a pergunta é uma importante ferramenta de aprendizagem, e assim como ele Bino e Rodrigo, também fazem uso dessa ferramenta para construir suas aprendizagens.

### **5.3.1 - O menino André**

Começo a falar do menino com a colaboração de Coelho (2000). Em vista disso, André pode ser compreendido, no início da narrativa, como uma personagem-caráter que segundo Coelho (2000, p. 75), “é mais complexa, porque representa comportamentos ou padrões morais.” Nessa mesma perspectiva, Faria (1999, p. 31), nos afirma que as personagens esféricas, são caracterizadas por conter um “potencial dramático maior e podem atingir mais profundamente o leitor, perturbando-o, mexendo com ele, [...]”. Faria (1999) também nos orienta para uma compreensão da personagem como positiva ativa caracterizada pelo poder de ação e pela coragem, vindo em seguida a determinação, o espírito de iniciativa, a força de vontade, características demonstrada pelo menino na busca das respostas para seu questionamento.

As características físicas de André foram muito difíceis de serem traçadas e que só através da dedução podemos concluir que ele tinha, aproximadamente, sete ou oito anos; uma criança pequena que ainda não conseguia compreender o Natal e suas manifestações perante a sua família; acho que ele era moreno, e tinha o cabelo cacheado, Essa idéia fica próxima da apresentada como ilustração do livro. Isso não

significa que alterei o critério definido, mas que houve uma relação possível de ser feita.

Porém o perfil psicológico foi se delineando ao longo da narrativa. Comunicativo, para descobrir o que é o Natal o menino vai perguntando: “- mãe, que é o Natal?” (MACHADO, 1985, p. 5). “- Henrique, que é Natal?” (MACHADO, 1985, p. 8). [...] resolveu perguntar ao pai, de noite, [...] “. (MACHADO, 1985, p. 10). “- Manuel, eu queria descobrir o Natal de verdade.” (MACHADO, 1985, p. 14). Companheiro e solidário, ajudou a mãe nos preparativos da festa: “[...] estava ajudando a mãe dele a arrumar a sala para a festa. Armaram o presépio. Penduraram as bolas na árvore. Enfeitaram as portas. Pintaram os vidros da janela.” (MACHADO, 1985, p. 5). Atencioso, pois estava atento a tudo e a todos para conseguir o seu objetivo, mesmo que as pessoas não se dirigissem a ele com o intuito de responder sua indagação:

No corredor ouviu a irmã mais velha falando ao telefone: estou louca para chegar logo o Natal, para eu usar meu vestido novo. Na cozinha, a cozinheira reclamava: não agüento mais. Todo Natal é esta trabalhadeira... André ouviu tudo aquilo e ficou pensando. (MACHADO, 1985, p. 6-8).

Generoso, convida o amigo Manuel para a festa em sua casa: “- você não quer vir com seus pais passar o Natal lá em casa conosco?” (MACHADO, 1985, p. 16). Inteligente, pois através do seu empenho, persistência conseguiu alcançar o seu objetivo, descobrir o que é o Natal e assim:

Aprendeu que Natal é um dia de festa, mas não é muito diferente dos outros dias. Quem é interesseiro o ano todo, continua interesseiro no Natal. Quem é invejoso, também. Quem só pensa em comer, só vê comida. Quem gosta das pessoas fica feliz porque todo mundo está alegre junto. E quem é bom e quer encontrar o Natal de verdade pode até descobrir que o menino Jesus é um amigo da gente. (MACHADO, 1985, p. 20).

#### 5.4 - Praga de Unicórnio



Este é um livro que foi publicado em 1983, trata-se de uma turma de crianças moradoras de um prédio. Entre eles destaco Diogo, que é, praticamente, o líder<sup>8</sup> da turma, Rafael, Cláudio, Joana, Clara, Tiago, Lucas, Flávia, Pedro, Elisa, Júlia, Rodrigo; que travam uma batalha coletivamente a favor dos seus direitos e para defender seus sonhos. Porque no fundo eles sabiam que: “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade.” (Prelúdio - Raul Seixas).

Nesta obra, Ana Maria mostra o autoritarismo, a tirania, o despotismo, a centralização do poder, tudo isso representados na figura do síndico de um prédio de apartamentos; que usando todo o seu autoritarismo, começa a dar ordens, mandar e desmandar; não pode isso, não pode aquilo; demitir e contratar:

Primeiro, demitiu o porteiro (porque era um nordestino enfezado), o servente (porque era analfabeto) e o vigia (porque sim, ora essa!). Botou outros nos lugares. [...] – Não pode correr pelos corredores, não pode transitar de patins pelas áreas comuns, não pode pendurar roupas nas janelas, não pode pendurar vasos perto das janelas, não pode ter visita depois de dez horas, não pode bicho hora nenhuma. (MACHADO, 1983, p.15).

As crianças do prédio detestaram a idéia de não poder ter bicho, mas não adiantava contestar, chorar, espremer, “o jeito foi cumprir a ordem.” (MACHADO, 1983, p.16). Mas não foi aceitar cumprir a ordem simplesmente, foi aceitar, por enquanto...

Diogo e seus amigos sonhavam com uma área, um espaço maior para brincar, respirar e ser feliz em liberdade; um terreno é isso! Com tudo o que têm direito; terra, areia, minhoca, besouro, grilo, mato, riacho, perereca, pedra, caramujo, capim, musgo, borboleta, joaninha; e o playground que era de cimento não tinha nada disso. E além do mais, tiveram que se despedir de seus animais de estimação.

<sup>8</sup> Essa identificação da personagem como líder não fica clara na narrativa sendo esta, portanto uma inferência minha.

A falta que fazia para Diogo e seus amigos um ambiente puro, o mais natural ou rural possível, para correr, desfrutar do contato com os animais e com a natureza; essa possibilidade os fazia exercitar a imaginação:

- Já imaginou, se a gente pudesse sair galopando a cavalo pelos campos? [...]; - é... toda tarde íamos juntar o gado no pasto... [...]; - ... laçar um bezerro desgarrado... [...]; - ... com cuidado para ver se a onça não vinha da mata para atacar... [...]; [...] não tinha perigo, os nossos cachorros iam ser muito espertos, num instante sentiam cheiro de onça lá longe... E assim ficavam horas, falando de patos e gansos na lagoa, de galinhas e perus no galinheiro, de leões e macacos na floresta, de camelos e abutres no deserto [...]. (MACHADO, 1983, p. 9-10).

Os sonhos e pensamentos de Diogo nos permitem refletir sobre a “selva de pedras” em que estamos vivendo, a destruição da natureza, das florestas e matas, a destruição do verde; em troca dos arranha-céus, da poluição e do isolamento social.

Enorme também, imenso, quase infinito era o tamanho do vazio que Diogo sentia dentro dele às vezes, quando dava vontade de sonhar com matas e campinas iguais às que ele via na televisão, mas tinha que se contentar com aquele cimento cinzento. (MACHADO, 1983, p. 7).

Ou então, com “[...] uma porção de plantas, em vasos, latas e xaxins.” (MACHADO, 1983, p. 8).

Será que vamos ter que nos contentar com tão pouco, ter que nos limitarmos a sonhar e a ver as florestas só pela televisão? Justificam por aí que a troca da natureza pelas altas construções é benéfica; mas, para quem? Que é em nome do progresso, mas a nossa qualidade de vida está cada vez pior, respirar está cada vez mais difícil.

Mas voltando ao livro, com o decreto do síndico as crianças ficaram muito tristes sem seus animais para se divertir, mas de repente surge uma idéia ninguém sabe de onde, e estava lançada a praga no prédio do síndico mandão; “o homem mal teve tempo de esfregar os olhos para ter certeza de estar vendo a criançada na brincadeira, pelo cimento do *playground*, com uns cavalinhos de chifre no meio da testa.” (MACHADO, 1983, p. 17).

Uns seres fantásticos, encantados, do outro mundo, que apareciam e sumiam num instante. E, segundo o síndico, era, “[...] um animal esquisito: com um chifre só, feito um rinoceronte, mas com corpo e jeito de cavalo.” (MACHADO, 1983, p. 19).

Após esta primeira visão dos seres encantados, o síndico começou a ver e a não ver unicórnios por toda parte. Apavorado, chamou as crianças para saber o que realmente estava acontecendo.

Vieram todas sem bicho nenhum. - Que bicho é esse que vocês arrumaram? – gritava quase espumando. - É um unicórnio [...]; - Um, não. Uma porção. Uma praga de unicórnios [...]. - Não pode ser. Esse bicho não existe – decretou o síndico. (MACHADO, 1983, p. 21-22).

Não sabemos ao certo o que aconteceu a verdade é que graças à praga de unicórnio o síndico sumiu, desapareceu;

Não se sabe se ele foi levado por uma ambulância, um tapete voador ou se foi transportado por uma carruagem puxada por uma parelha de unicórnios brancos, [...]. Há até quem garanta que ele agora vive no mundo da lua, sem coragem de sair de seu foguete para não encontrar com o dragão ou o cavalo de S. Jorge, bichos que ele não simpatiza. (MACHADO, 1983, p. 24-25).

Agora, o prédio tem um novo síndico, todos estão alegres, mudaram de comportamento e alguns até de vida, fazem coisas que antes não podiam; e parte do sonho coletivo das crianças tornou-se realidade. E os unicórnios, eles já sumiram. Mas podem voltar a qualquer momento – garantem as crianças.

#### **5.4.1 - O menino Diogo**

Na história Praga de Unicórnio, como temos várias crianças que a protagonizam, mas um deles, Diogo que se sobressai, opto por tratá-lo como protagonista. Compreendemos que seja uma personagem positiva ativa, de acordo com Faria (1999), cuja “sua principal qualidade é o poder de ação e para tanto a primeira característica é a coragem, vindo em seguida a determinação, o espírito de iniciativa, a força de vontade, a capacidade de liderança etc.” (FARIA, 1999, p. 39). Conforme Coelho (2000), a compreensão é de que é uma personagem-caráter que

“é mais complexa, porque representa comportamentos ou padrões morais.” (COELHO, 2000, p. 75).

O perfil físico de Diogo confesso que está sendo muito difícil de traçar, por se tratar de uma coletividade, de várias crianças, a autora não dá ênfase às características físicas dos personagens, ficando por nossa conta fazer, exercitar a imaginação, repetindo o que já anteriormente considerei.

Portanto imagino Diogo como um menino com traços tipicamente brasileiros, ou seja, com uma mistura de características graças a nossa heterogeneidade racial; o tom de pele não era nem branco e tampouco negro, era uma cor assim... Jambo, isso moreno jambo, ou seria cor de cravo e canela? Os cabelos eram lisos e bem curtinho, daquele jeito que fica espetando, olhos grandes e castanhos, pareciam dois faróis atentos a tudo; um sorriso farto e bastante encantador, o nariz era bem pequeno e fininho, e Diogo era um pouco maior que os outros, haja vista que ele exerce uma certa liderança no grupo; magro, para ter mais agilidade e disposição para brincar com as outras crianças e com seu cachorro; é assim que imagino Diogo, um representante da diversidade.

O perfil psicológico a autora nos indica que Diogo era estudioso, inteligente e esperto, pois sempre que alguém dizia uma palavra que ele não conhecia, ia direto ao “[...] Dicionário [...] procurar o que queria dizer aquela palavra esquisita.” (MACHADO, 1983, p. 6). Diferente de Bino e Pepe, ele já tem autonomia para uso de acervo de leitura.

Ele também era criativo, adorava os animais e as plantas, era amigo da natureza, gostava de imaginar aventuras em que pudesse ter mais contato com a natureza, gostava mesmo é de “sonhar com matas e campinas iguais às que ele via na televisão, “[...] já imaginou se a gente pudesse sair galopando a cavalo pelos campos? [...] Com cuidado para ver se a onça não vinha da mata para atacar... [...]” (MACHADO, 1983, p. 8 e 10-11). E passava horas assim, imaginando e vivendo suas aventuras e viagens repletas de verde e de animais “[...] patos e gansos na lagoa, de galinhas e perus no galinheiro, de leões e macacos na floresta, de camelos e abutres no deserto [...]”. (MACHADO, 1983, p. 11).

Por causa dessa criatividade toda, acredito que a idéia da Praga de Unicórnios foi dele, então posso também inferir que ele era um menino guerreiro, corajoso,

determinado, pois não desistiu de ter seus animais, e um pouco da natureza perto dele e de seus amigos também um menino que lutava em prol da coletividade.

Não sei ao certo de onde ele amadureceu a possibilidade da praga, porque “para [se] distrair, viam televisão, liam histórias, conversavam.” (MACHADO, 1983, p. 17), ou pode ter sido também “ em filme, em livro, ou em bate-papo.” (MACHADO, 1983, p. 17). O fato é que a Praga de Unicórnios existiu, e ele foi o primeiro a ser visto pelo síndico com um animal estranho...

A primeira vez que o síndico viu foi no elevador. Ele ia descer e, quando abriu a porta, viu Diogo encolhido no canto com alguma coisa no colo. Não deu para entender direito o que estava vendo. Ainda perguntou:

- O que é isso menino?

- Filhote de unicórnio.

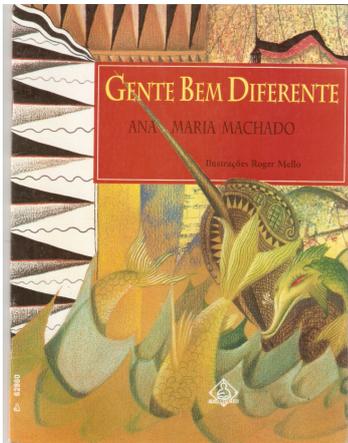
[...] E Diogo saía aos pinotes:

- Cuidado, gente, lá vem ele! (MACHADO, 1983, p. 17-18).

Apesar dessa incerteza, de se foi ou não Diogo o idealizador do que se denominou de “praga”, a verdade é que ela foi muito boa, providencial podemos dizer, serviu para fazer reinar novamente a harmonia naquele prédio e trazer de volta a alegria das crianças. Agora elas podem brincar e divertir com seus animais de estimação, o jardim do prédio foi todo reformado com quase tudo que tem direito: “[...] terra e agora tem planta, minhoca, besourinho, caramujo, mato, pedra, caco de telha, montes de coisas.” (MACHADO, 1983, p. 28).

Assim, Diogo e seus amigos prometem lutar para garantir a alegria e o bem-estar de todos, e avisam que a Praga de Unicórnios pode voltar a qualquer momento, desde que seja necessário, é claro.

### 5.5 - *Gente bem Diferente*



*Gente bem Diferente* é um livro publicado em 1996, e também foi traduzido em Portugal.

Esta é a história de uma família como qualquer outra, contada por Rodrigo e Andréia, história de “gente como toda gente.” (MACHADO, 1996, p. 5); mas pensando bem, é mesmo de uma “gente bem diferente.” (MACHADO, 1996, p. 6).

Ficou curioso para saber por quê? Espere aí que já vou lhe dizer: é um segredo da Andréia e do Rodrigo, e que agora também vai ser nosso, meu amigo.

A narrativa começa assim em versos, criados pela menina Andréia, irmã de Rodrigo, eles vão contando a história dos componentes da família, avó, avô, mãe, pai, através de um olhar aguçado e criativo que lhes permite imaginar e fantasiar sobre essas pessoas. Andréia enriquece a história, fazendo referências a outras narrativas mundialmente conhecidas como, *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Rapunzel*, a *Bela e a Fera*, *Bela Adormecida*, exercitando a sua criatividade e memória e a nossa também, provocando também uma produção de leitura pela via intertextual, como sugere Orlandi (2003), ou seja, um texto que se relaciona com outros.

Eles começam analisando e descrevendo o comportamento da vovó Beth, ela não era uma avó comum dessas que costumamos ver e imaginar mais ou menos assim: uma “vovó de óculos, velhinha, cabelo branco preso num rolinho no alto da cabeça, sentada na cadeira de balanço fazendo tricô e cochilando toda hora”. (MACHADO, 1996, p. 7), não, a vovó Beth era muito ativa, trabalhadora,

[...] quase não sentava, porque ela não pára quieta, está sempre agitando. Sai cedinho para a loja, arruma tudo, troca a água dos jarros...

\_\_ É que vender flores dá um trabalhão danado \_\_ lembrou minha irmã. \_\_ Precisa ficar separando as murchas, cortando cabo, toda hora enxugando coisa molhada. E mais atender o telefone, receber cliente, resolver coisa de banco... (MACHADO, 1996, p. 7).

Moderna, vaidosa e cheia de truques, “\_\_ Ela agora anda com vontade de usar lentes de contato quando tiver uma grana. Ainda outro dia estava dizendo que está cansada de usar óculos, quer renovar o visual...” (MACHADO, 1996, p. 8); sabemos de tudo isso, segundo sua neta Andréia, que participava ativamente das sessões de beleza: “já tinha até ajudado uma vez a segurar o algodão enquanto a vó apertava um tubinho para sair a tinta...” (MACHADO, 1996, p. 8); e enquanto ajudava ia aprendendo alguns segredinhos como: “\_\_ Lavar a cabeça com macela para clarear o cabelo, comer cenoura para a pele ficar bonita, essas coisas.” (MACHADO, 1996, p. 8); essa vovó Beth inventa cada uma!

Depois dessa descrição, imagine como será o resto da família; foi o Rodrigo que nos ajudou a conhecer melhor o vovô Zacaria.

Você acha que ele era... “Um cara meio surdo e esquecido, sempre em casa lendo o jornal, de chinelos e pijama, fumando cachimbo e resmungando?” (MACHADO, 1996, p. 12). Errou, claro que ele só podia ser bem diferentão, para combinar com a vovó Beth; ele vivia trabalhando, “atrás da mesa assinando papéis, falando ao telefone, e um monte de gente esperando a vez de falar com ele. Sempre ocupado e importante.” (MACHADO, 1996, p. 13).

Mas o Rodrigo, com seu jeito de investigador foi juntando as peças desse grande quebra-cabeça, e finalmente descobriu que seu avô era:

Um avô pirata!

\_\_ Mas ele é um homem bom, só pode ser um pirata do bem. Que só foi ser pirata porque a mãe dele morreu quando ele era pequenininho e não explicou direito o que é certo e errado. Igualzinho ao Barrica, da história do Peter Pan... (MACHADO, 1996, p. 16-18).

Neste momento, Andréia começa a perceber que o irmão tem mesmo razão, e passa a se lembrar de outras coisas que evidenciam esta constatação: “ele adora usar camisa listrada. E tem um papagaio. Quem diria, hein? Um avô pirata... Nosso próprio avô...” (MACHADO, 1996, p. 18).

E assim, começaram a imaginar e a prestar mais atenção na filha desse casal tão especial, a dona Maria, mãe deles; mas, mãe não é tudo igual? É, mas essa, não sei não... E foram percorrendo o mesmo caminho traçado para conhecer a vovó

Beth, a análise e a descrição dos comportamentos da mãe, e Rodrigo começa a direcionar o olhar de Andréia fazendo um monte de perguntas:

\_\_ E o que é que papai diz das mãos dela?

\_\_ Sei lá! “Tira a mão daí?” Quando ela mexe nas coisas dele?

Dessa vez quem quase perdeu a paciência fui eu.

\_\_ Puxa, Andréia, às vezes você custa a entender, hein? Isso ele diz é para gente. Mas quando ele vê ela sossegada bordando ou lixando e pintando aquelas caixinhas que ela gosta de fazer pra dar de presente no Natal, o que é que ele diz, Andréia? Será que você não lembra? Ele fala que ela tem mãos...

\_\_ ... de fada! \_\_ interrompeu ela. \_\_ Que tudo o que ela toca fica bonito.

\_\_ Isso mesmo. (MACHADO, 1996, p. 20-21).

Até que “no fim, já [tinham] certeza.” (MACHADO, 1996, p. 24); então começaram uma nova empreitada, descobrir quem era seu Francisco, o seu Chico pai deles, pois partiram do princípio que “se mamãe era assim [uma fada], e filha de um casal tão diferente [uma princesa e um pirata], será que ia se casar com um cara normal?” (MACHADO, 1996, p. 24).

E começaram a investigar, logo de cara fora eliminando algumas hipóteses:

Não dá para ser príncipe, cavaleiro nem super-herói com um nome desses. Um cara meio desajeitado, que vive esbarrando nas coisas, grandalhão, tão grande que até a cama deles é especial. Quando a gente viaja ele sempre fica com os pés sobrando nas camas dos outros, até mesmo na casa dos pais dele. E que pés! Quando vai chegando o Dia dos Pais ou o Natal, ou o aniversário dele, e a gente sai com a mamãe para escolher um presente é a maior dificuldade achar sapato com aquele número grandão, tem que ser tênis de jogador de basquete. (MACHADO, 1996, p. 24).

E vão chegando a conclusão que seu Francisco é um pai muito comum ele:

Gosta é de pescar, fazer churrasco ou então de reciclar coisas; passa o domingo metido na oficina dele na garagem, fazendo consertos, parece um inventor maluco.

Já não chega passar a semana toda trancado naquele laboratório onde trabalha, sábado ainda fica ajeitando antena de televisão de vizinho, consertando rádio que está chiando, trocando coisa velha por coisa nova, diz que adora fazer isso, é um descanso. Fica lá com as ferramentas dele, mas, na hora do almoço, quando o bife está fritando, ele sai lá de dentro e entra pela casa respirando fundo: “Ai, que cheirinho bom de carne!” E na

hora da comilança ainda passa o pão no prato, catando todo o caldinho vermelho. Depois vai dormir. Às vezes ronca, mas só às vezes. E não quer que a gente faça barulho quando dorme de dia. Mas quando vamos a algum lugar e voltamos tarde, se acontece de nós dormirmos no caminho, ele não nos acorda. Carrega a gente no colo, mesmo se for difícil, como no dia em que a gente veio de ônibus e a Andréia caiu no sono: ele veio do ponto até em casa com ela no braço, a cabeça deitada no ombro dele. Como qualquer pai. Tudo de bom que a gente quer ele dá um jeito. Pode demorar, pode parecer impossível, pode ser que ele nos explique que vai ter que ser um pouco diferente, mas no fim, pimba! Resolve. Um paizão. (MACHADO, 1996, p. 25).

Mas como num piscar de olhos, chega a Andréia impondo um ritmo diferente, querendo resumir, a história dessa gente; avó, avô, pai, mãe, todo mundo diferente, tem princesa, pirata, gênio ou até gigante, e também uma fada que trata.

E assim está encerrando, essa história diferente, com Andréia e Rodrigo, descobrimos o tesouro dessa gente:

Esse é o grande segredo,  
 essa é a maior maravilha,  
 descoberto tarde ou cedo,  
 mistério desta família,  
 diferente mas sem medo:  
 dois avós, marido e filha.  
 Se é tudo diferentão,  
 pai e mãe, até avós,  
 quem prestou muita atenção,  
 quem ouviu a nossa voz,  
 quem seguiu minha canção,  
 agora que estamos sós,  
 venha cá, me dê a mão  
 e diga:

quem somos nós? (MACHADO, 1996, p. 29-30).

### 5.5.1 - O menino Rodrigo

Para começarmos a falar de Rodrigo que é o protagonista que por hora nos interessa e de suas características, trago para nossa conversa Coelho (2000), e

Faria (1999), mais uma vez, que nos ajudam a compreender melhor essa personagem; segundo Coelho (2000), podemos compreender Rodrigo como uma personagem-caráter que “é mais complexa, porque representa comportamentos ou padrões morais.” (COELHO, 2000, p. 75); e segundo Faria (1999), uma personagem positiva ativa, de acordo com Faria (1999), cuja “sua principal qualidade é o poder de ação e para tanto a primeira característica é a coragem, vindo em seguida a determinação, o espírito de iniciativa, a força de vontade, a capacidade de liderança etc.” (FARIA, 1999, p. 39), apesar de não ser muito corajoso, quando precisava, conseguia demonstrar; contudo, Rodrigo possui as outras características descritas por Faria.

O perfil físico de Rodrigo Ana Maria deixou por nossa conta, ou melhor, por conta da nossa imaginação; portanto acredito que Rodrigo era um menino que fisicamente não é muito diferente dos garotos da sua idade entre nove e dez anos; não era nem alto nem baixo, nem gordo nem magro, mas bem que era muito bonitinho, os cabelos pretos e lisos, uma pele morena, num tom mais puxado pro claro, os olhos castanhos, o nariz e a boca se harmonizavam e o deixava ainda mais belo.

O perfil psicológico do menino podemos inferir e dizer, que ele era bem mais direto e objetivo nos confirmando isso, quando se compara a sua irmã Andréia, dizendo que “se [ela] for contar essa história toda vai levar um tempão. Então eu falo um pouco e depois ela termina.” (MACHADO, 1996, p. 6); era também muito discreto e sabia guardar um segredo como poucos e Andréia confiava nele e contava tudo:

Eu vou lhe contar o que eu descobri. Mas é segredo, não conte para ninguém.

Aí ela encostou a boca no meu ouvido e contou, fazendo uma cosquinha gostosa. Mas eu não posso contar a ninguém agora, porque prometi. Daqui a pouco ela mesma conta. (MACHADO, 1996, p. 9).

Ele era observador, só falava daquilo que tinha certeza, “depois dessa conversa, andei uns tempos pensando no resto da família. Acabei descobrindo também. Quando tive certeza, perguntei à Andréia [...]”. (MACHADO, 1996, p. 12); ele não era, lá muito corajoso, mas quando precisava ter coragem, tirava não sei de onde, como nos diz: “eu criei coragem, respirei fundo e [...]”. (MACHADO, 1996, p.

13); era criativo, pois acreditar que seu avô era um pirata exige muita criatividade; e tinha fortes argumentos para defender suas constatações;

Essa história de subgerente de banco é só um disfarce do vovô. Para despistar. Para a polícia não pegar...

\_\_ Mamãe não vive ralhando com ele, dizendo que ele não devia nos encher de presentes por que ganha pouco? Mas ele continua dando. Deve ser porque tem um tesouro escondido em algum lugar que só ele sabe. E lá no banco? Você alguma vez já ficou por perto ouvindo a conversa? As pessoas pedem dinheiro e ele manda dar. E não é pouquinho, não, Andréia, são milhões, milhões...

Pense um pouco. De que é que ele gosta?

\_\_ De praia, pescaria, andar de barco. E de mapas antigos.

\_\_ Está vendo só? Um velho marinheiro... E de que é que ele não gosta? \_\_ continuei

\_\_ De fazer a barba. De usar gravata. De despertador. E de lagartixa...

\_\_ Claro, é jacaré pequeno!...

Foi só aí que ela entendeu, acreditou e falou:

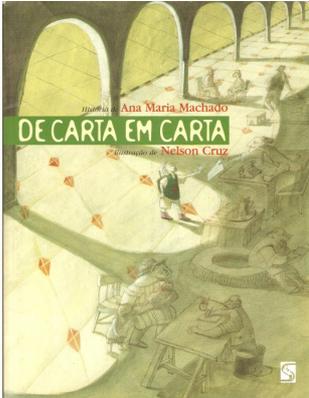
\_\_ Meu Deus! Igualzinho ao Capitão Gancho! Um avô pirata! Com medo de crocodilo... (MACHADO, 1996, p. 13e16).

Assim como as personagens de Lobato, como Bino, André e Rodrigo também utilizam-se da pergunta, do questionamento como elemento norteador de suas aprendizagens. Rodrigo era bastante questionador e inteligente, fazia as perguntas direcionando as respostas para ratificar seus argumentos;

\_\_ E você acha isso normal? Uma mãe com tanta paciência assim? Não acha que isso é bem diferente? \_\_ Quer dizer que você não acha que ela é diferente das outras mães? \_\_ Ah, agora sim você está começando a me entender... \_\_ Exatamente [...]. (MACHADO, 1996, p. 17-19).

Esse é o meu Rodrigo, um menino bem sabido, esperto que acabei de descrever, mas para ele ficar completo diga como você o vê?

## 5.6 - De Carta em carta



Esta é a história de um menino chamado Pepe. Ele vivia numa pequena cidade, onde muita gente não sabia ler nem escrever. E numa das praças da pequena cidade, na “Praça dos Escrevedores”; “ficavam as bancadas de trabalho dos homens que se encarregavam de escrever todas as coisas importantes que o pessoal da cidade precisava, mas não sabia – cartas, bilhetes, documentos.” (MACHADO, 2002, p. 6). Eram os escrevedores no seu local de trabalho.

Pepe muito embora, já tivesse idade para freqüentar a escola, não o fazia, preferia ficar com seu avô José, quer dizer, seu José. Seu José, apesar da idade já avançada, ainda trabalhava como jardineiro e muitas vezes Pepe o ajudava.

Os dois tinham uma boa convivência como avô e neto,

Eram muito amigos, mas também brigavam bastante. Eram muito parecidos – teimosos, implicantes. Discutiam por qualquer coisa [...]. [...] está me chamando de fraco? Dizendo que estou velho e não presto para mais nada? – também não precisa se zangar à toa. – você é muito malcriado, isso sim. (MACHADO, 2002, p. 7-8).

Depois de uma dessas brigas, Pepe ainda sob o efeito da fúria e da raiva, teve a idéia de escrever “uma carta bem malcriada para o velho.” (MACHADO, 2002, p. 10). Neste momento, Pepe sente pela primeira vez a falta da educação formal oferecida pela escola, mas ainda assim não queria saber de ir à aula.

Foi até a Praça dos Escrevedores e mandou escrever a carta para seu avô; como não tinha dinheiro para pagar concordou que pagaria ao escrevedor de uma maneira bem diferente, “ir à escola um dia e vir contar como é.” (MACHADO, 2002, p. 11). Levou a carta e entregou a seu avô.

Seu José, que também não era alfabetizado, pediu ao escrevedor e leitor Miguel, para ajudá-lo a ler e a responder à carta recebida. Mas como o neto, seu José não tinha dinheiro para pagar o serviço solicitado, e foi logo perguntando: “- posso pagar com flores? [...] o senhor escreve, eu trago umas flores num balde de

d'água, o senhor põe aí do lado e vai vendendo... Ganha até mais dinheiro do que se eu lhe pagasse.” (MACHADO, 2002, p. 15).

A proposta foi aceita por seu Miguel, e a carta-resposta para Pepe estava pronta.

O menino voltou da escola motivado, querendo aprender mais; e como foi prometido voltou à banca do escrevedor para contar como foi a aula:

[...] fiz um monte de rabisco e umas bolotas com o lápis. A professora disse que era treino para letras. E que eu sou muito esperto. Ela prometeu que, se eu for de novo amanhã, ela me ensina a escrever “vovô”, e então eu acho que vou. Só amanhã, mas vou. (MACHADO, 2002, p. 18).

Algum tempo depois, Pepe já tinha se enturmado e estava cheio de curiosidades e de vontade de aprender, já tinha tomado gosto pela troca de saberes, pela construção de conhecimentos e de amizades; agora só pensava em ir para a escola. “Eu vou à escola de qualquer jeito, [...]. [...] a professora está lendo um livro para a gente, todo dia um pedacinho, e eu quero saber como é que a história continua.” (MACHADO, 2002, p. 26).

E novamente pediu a seu Miguel, o escrevedor e também leitor, para ler a carta que recebera do avô; depois pediu ajuda para respondê-la; mas desta vez foi diferente, o próprio Pepe foi quem escreveu “vovô” no envelope. A forma de pagamento, essa era a mesma, ir a escola e relatar como era, e “[...] o escrevedor ouviu com atenção o menino contar sobre as novas letras e os números que estava aprendendo [...]” (MACHADO, 2002, p. 23).

Nesse troca-troca de cartas entre neto e avô; entre Pepe e seu José, fortaleceram-se os laços de amor, amizade, e o sentimento de família; que se refletiu de maneira positiva na vida de ambos, e a mudança de comportamento foi notória: “os pais de Pepe até se espantaram: - o que houve com esse menino? Agora vai ao colégio todo dia e não discute mais com o avô...” (MACHADO, 2002, p. 24).

Pepe resolveu dar uma mãozinha ao avô, pediu a seu Miguel para escrever uma carta endereçada ao governo, que era mais ou menos assim:

”Seu Governo,  
 Meu avô trabalhou a vida inteira e está muito cansado. Precisa descansar [...]. Precisa se sentar para ficar olhando o mar, tomando água de coco e pensando na vida. Não quer mais se preocupar com trabalho. Ele tem direito, sabe? Quem disse que ele tem direito foi a minha professora. Ela ensina para muita gente. Pode até lhe ensinar, senhor Governo. Se você precisar aprender com ela, [...]. Responda logo, porque meu avô José está velho e não agüenta mais esperar muito tempo. Atenciosamente,  
 Pepe.” (MACHADO, 2002, p. 27).

Neste momento em que Pepe busca ajudar o seu avô, busca os seus direitos de cidadão; nos faz refletir sobre os idosos do nosso país, que não têm sua idade, nem sua experiência de vida valorizadas. Desrespeitados e violentados em seus direitos, necessitam de uma Lei 10.741/2003 - O Estatuto do Idoso, para defendê-los e protegê-los; pessoas que tanto contribuíram para o crescimento do país, e para o nosso crescimento individualmente (pais, avós, bisavós), todos que fazem parte da nossa história.

E finalmente, seu José consegue a tão sonhada e merecida aposentadoria, sem esquecer do empurrãozinho dado por Pepe, que continuou a ajudar quem queria se aposentar, “Pepe ficou até achando que, quando crescesse, ia ser escrevedor.” (MACHADO, 2002, p. 31).

Pepe dedicou-se aos estudos, e mais tarde foi trabalhar no governo, ajudando pessoas que precisavam se aposentar.

Assim, Pepe passou por uma transformação, de menino teimoso, implicante, brigão, que não gostava de ir para a escola, passou a ser mais sensível, a respeitar os mais velhos, e com o estímulo necessário, passou também, a gostar de aprender.

E com certeza, modificou a sua história. E tornou-se mesmo um escrevedor como ele pensava, não escrevedor de cartas, mas de histórias como a sua.

### **5.6.1 - O menino Pepe**

Podemos compreender ou conceber Pepe como personagem-caráter, segundo Coelho (2000), uma personagem que é mais complexa “os pensamentos, impulsos ou ações que as movem na trama narrativa revelam sempre aspectos do caráter, da estrutura ética ou afetiva que as caracteriza.” (COELHO, 2000, p. 75). Conforme Faria (1999), seria uma personagem esférica “[...] têm um potencial dramático maior

e podem atingir mais profundamente o leitor, perturbando-o, mexendo com ele, [...]”. (FARIA, 1999, p. 31). Segundo Faria (1999), ele também pode ser compreendido como uma personagem positiva ativa, pois demonstra em suas atitudes características como coragem, determinação, espírito de iniciativa, e força de vontade.

Pepe, Segundo Ana Maria, sua criadora, era “um menino pequeno [...]”. (MACHADO, 2002, p. 4). Mas na verdade, “[...] não era tão pequeno assim.” (MACHADO, 2002, p. 4). Agora começo a me perguntar: pequeno na idade ou estatura? E finalmente respondo: nos dois; um pouco mais na frente a autora revela que na cidade onde ele morava tinha “ gente muito maior e mais velha do que ele.” (MACHADO, 2002, p. 4). Então Pepe era novo, garoto, e de estatura baixa; e o restante do perfil físico a autora deixou para que eu e você continuássemos – para exercitarmos a nossa imaginação. Vamos lá, podemos imaginar Pepe magrinho, a pele branca, e seus traços parecem com os das pessoas da região sul do Brasil.

Pelo que Ana Maria nos diz , e que distingo como perfil psicológico, ele era amigo, teimoso, implicante, e que brigava muito com o avô, “os dois eram muito amigos, mas brigavam bastante. Eram muito parecidos – teimosos, implicantes. Discutiam por qualquer coisa.” (MACHADO, 2002, p. 7). Percebemos também Pepe, um menino mimado, que talvez por ser o filho caçula, tinha seus desejos e vontades atendidas; vejam só porque: “já tinha idade para ir ao colégio, mas não queria. Preferia ficar brincando e quase sempre faltava à aula. Dizia que precisava fazer companhia ao velho e os pais acabavam deixando.” (MACHADO, 2002, p. 7). Essa atitude dos pais fazia o menino que podia tudo, até brigar com o avô e pensar que era o dono da verdade.

Ele era muito imaturo talvez pela idade, e até mesmo pela pouca experiência de vida, não sabia, ou não conseguia pedir desculpas, porque sempre achava que estava certo e que tinha razão, e mesmo ameaçado de ir pro castigo: “não ia pedir desculpas.” (MACHADO, 2002, p. 8). Pepe era muito “[...] malcriado, isso sim.” (MACHADO, 2002, p. 8).

Pepe não aprendia coisas boas porque não queria, seu avô sempre tentava lhe dar um bom exemplo, pois achava que ele era “um atrevido e um malcriadão [...]”.(MACHADO, 2002, p. 17), e ele “[tinha] que se educar [...]”. (MACHADO, 2002, p. 17).

Mas Pepe, como qualquer um de nós, também tinha seu lado bom e, ao longo da narrativa, foi se aprimorando e consegue se sobressair em relação ao seu outro lado, não tão bom assim. Apesar desse seu jeito, não muito legal ele se mostra um menino de palavra e cumpre a promessa que fez ao escrevedor, e mais tarde vai saldar a dívida, e chega dizendo: “- vim cumprir a minha promessa [...]”. (MACHADO, 2002, p. 17).

Aos poucos, ele vai amadurecendo e se transformando num ser humano da ficção, melhor, aprendeu, de carta em carta, a ser mais amável, aprendeu a gostar da escola, a respeitar os mais velhos, a ajudar os outros. E foi demonstrando em suas atitudes no dia-dia, primeiro com o avô, foi assim: “meu avô, eu gosto muito de você, mesmo se às vezes eu fico um pouco zangado e digo que você parece maluco. Desculpe.” (MACHADO, 2002, p. 20); depois foi o gosto pela escola “ eu vou a escola de qualquer jeito, [...]. e também porque a professora está lendo um livro para a gente, todo dia um pedacinho, e eu quero saber como é que a história continua.” (MACHADO, 2002, p. 26). E até ajudou o seu avô a conseguir a aposentadoria, escrevendo junto com o escrevedor, para o Governo.

Depois, ajudou aos amigos de seu avô a conseguir a aposentadoria também, e, desta vez, escrevendo a carta sozinho. E passou também a escrever, é escrever histórias, histórias de verdade, e das muitas verdades que saem da sua cabeça.

Quem sabe não seremos nós os próximos a sermos ajudados pelo Pepe; espero um dia possamos encontrá-lo por aí, para lhe contar umas histórias...

## 6- PALAVRAS DE ATÉ BREVE

As "palavras de até breve" estão comprometidas com as sínteses possíveis que faço deste estudo. Começo conversando com Marques, e utilizo as palavras dele sobre a pesquisa, quando diz que: "não se esgota nunca, por isso, [...] não se conclui de todo [...]" (MARQUES, 2001, p.141). Portanto, aqui pretendo fazer apenas uma pausa; para mais tarde quem sabe, puxar os fios que tecem este trabalho e dar continuidade novamente à pesquisa.

Diante da análise teórica aqui abordada, observamos que a Literatura Infantil surge juntamente com o conceito de infância; os livros possuíam um caráter moralizante, pedagógico, direcionados a cumprir os anseios da sociedade burguesa; e dessa forma, excluía sua propriedade artística, de criação, fruição e emoção. No Brasil, a mudança radical ocorre a partir da inconfundível produção de Monteiro Lobato que, com a intenção de formar adultos leitores, investia nas crianças para alcançar seu objetivo. A linguagem tipicamente brasileira e o nosso folclore, aliados ao faz-de-conta, que integra a criatividade e a fantasia configuram uma obra genuinamente brasileira que atraía e atrai crianças e adultos.

Ana Maria, como discípula de Lobato, também procura defender em suas produções o nosso jeito, a nossa língua que é viva e cheia de peculiaridades que a atrai "sou obcecada com o falar brasileiro e a oralidade." (MACHADO, 2000, p. 158), e dessa forma, suas criações são também reflexo do nosso povo, um pouquinho de cada um, formando um todo, numa literatura para todos.

Portanto, apoiada em Meireles (1984, p. 20) tomo a liberdade de afirmar que "não haveria, pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas a *posteriori*." E, trazendo Beltrão para essa nossa conversa, concordo:

A literatura é uma só. Não importa a pátria, o sangue, o gênero; não importam as letras. Os adjetivos, termos sem autonomia, atrelados a outros nomes que lhes dão vida [...], somente servem para restringi-la, para limitar o seu alcance: infantil, juvenil, infanto-juvenil, adulto... Alcance invariavelmente regulado, ora por um termo: exclusivamente, ora por dois: faixa etária. (BELTRÃO, 2006, p. 301).

Devemos, sim, todos, sem restrições, nos deixar enlaçarmos pelos fios que tecem os livros e compartilharmos da oportunidade de conhecer e desfrutar das vivências e emoções contidas neles.

Porque assim, “lendo e brincando, descobri que as pessoas são diferentes, que existem muitos jeitos de ver o mundo, e temos que acreditar sempre em nossas histórias e no poder do imaginário.” (RAMOS, 2006, p. 55). E agora dialogando com Umberto Eco, percebo que:

Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo verdadeiro a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana. (ECO, 1994 apud RAMOS, 2006, p. 56).

Através da narrativa e, em especial as de Ana Maria Machado, podemos morar, viver novas vidas, sonhar, atuar, recriar o real, ser e sentir, tudo isso, através da imaginação e das possibilidades criadoras que as personagens, nos oferecem; é o que segundo Coelho (2000), elas representam “[...] uma espécie de amplificação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana.” (COELHO, 2000, p. 74).

Ana Maria em suas narrativas não explicita as características físicas de suas personagens, ficando estas por conta dos ilustradores; talvez seja pelo fato de não querer estereotipar as personagens, uma vez que elas são identificadas e apropriadas pelo leitor muitas vezes como seu próprio reflexo.

No que diz respeito às personagens, retomo as características assumidas por elas, em cada história, lembrando que Raul é uma personagem-caráter ou esférica, que possui características de uma criança modelada e aos poucos começa a se “libertar” destas amarras que o prende, tornando-se uma personagem-individualidade, revelando ao leitor seus conflitos internos; André, Bino, ou Benedito, Diogo, Pepe e Rodrigo são compreendidos também como personagens-caráter ou esféricas, e positivas ativas; caracterizados pela coragem que é comum a todos.

Fazendo um cotejo, encontro André, Bino e Rodrigo com semelhanças, o fato de serem questionadores, inteligentes, espertos, que fazem uso destas

características e principalmente dos questionamentos para guiar suas aprendizagens. Diogo, André e Raul, as narrativas explicitam a participação ativa deles no mundo leitor. Pepe é o único que não tem essa vontade de participar ativamente do mundo leitor e acaba construindo uma valiosa relação com a escola; diferentemente de Bino que anseia por este momento de viver e experimentar a escola e seu universo letrado. E encontro em Raul uma diferença comum a todos nós, mas que entre as personagens estudadas se destaca como peculiar, o medo da aprovação ou não das outras pessoas com relação a nossas atitudes. Mas compreendemos, principalmente conforme os estudos de Coelho (2000) e Faria (1999), autoras que nos deram suporte teórico, são importantes componentes da narrativa, mas também são nossos “heróis”, uma vez que nos fizeram viver novas vidas, e reviver outras tantas, experimentar novas possibilidades, ser adulto e criança ao mesmo tempo; sugerindo modelos de comportamento, reafirmar atitudes, opiniões. Compartilhamos idéias e segredos ao pé do ouvido, daqueles que só confidenciamos ao melhor amigo.

Posso dizer, então, que as personagens masculinas contidas nas histórias de Ana Maria, melhor dizendo, os meninos de Ana Maria, são personagens muito reais como nós, com defeitos e qualidades, com medos, inseguranças, alegrias, dores e temores. Esses meninos nos dão a sensação de conforto de “normalidade”, de que não estamos sozinhos; que nossas atitudes e reações são comuns, que podem acontecer com qualquer um.

Da experiência pessoal, quero avançar para tratar do profissional; repensar o meu papel como educadora, e a minha prática pedagógica, com este estudo pude perceber com mais clareza a importância da leitura para a formação do indivíduo. E dessa forma, considerá-la um instrumento de prazer, de deleite, de fruição. Nesse sentido, a produção de Ana Maria Machado me abriu um leque de possibilidades para trabalhar a leitura com esse olhar mais crítico, mais aguçado; trabalhar com essa arte verbal que é muito rica, espaço para produção de leitura na perspectiva polissêmica, como diz Orlandi (2003), na qual o texto fica passível de produção de sentidos. De agora em diante, quando estudar textos narrativos, valorizarei a presença das personagens na trama, transportarei para as histórias de um outro acervo as experiências não para repeti-las, mas para expandi-las. Para finalmente dizer-lhes, até breve, asseguro-lhes que meus educandos terão a oportunidade de

experimental, sentir e viver, a magia da literatura com toda a sua essência, de modo a contribuir para a sua formação. E nessa perspectiva apresentarei a eles os meninos que habitam as histórias de Ana Maria, a começar por Raul, André, Bino, ou Benedito, Diogo, Pepe e Rodrigo, meus mais novos amigos.

**REFERÊNCIAS:**

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Por que ler Ana Maria Machado.** Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2725/1931>. Acesso em: 25 mar. 2009.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. **Por que ler Ana Maria Machado. Revista da Faced,** Salvador, n°10, P. 301-307, ago. 2006.

BIGNOTTO, Cilza Carla. **Dois leituras da infância segundo Monteiro Lobato.** In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; GOUVÊA, Maria Cristina Soares.(Orgs.) Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 101-114.

BUNN, Daniela. **Da História oral ao livro infantil.** Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL1Art6.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.** São Paulo: Quíron, 1984.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **O Leitor, esse conhecido:** Monteiro Lobato e a formação de leitores. 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/>. Acesso em: 25 abr. 2009

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DUARTE, Sónia. **Don Quijote na literatura infantil.** Revista da Faculdade de Letras, Línguas Literaturas, 2001, Porto, XVIII. Pp. 487- 502. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3034.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2009.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros Curriculares e Literatura:** as personagens de que os alunos realmente gostam. São Paulo: Contexto, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIACOPINI, Carina Maria Momoli. **A Presença da literatura infantil na revista “Leitura: Teoria & Prática”.** 2007. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) -

Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: [http://www.alb.com.br/ltp/img/tcc\\_carina.pdf](http://www.alb.com.br/ltp/img/tcc_carina.pdf). Acesso em: 23 mai. 2009.

GUSATTO, Gisely Ana; RADAELLI, Patrícia B. **Monteiro Lobato e Ana Maria Machado**: Convergências possíveis em Narizinho e Isabel. In: VIII Seminário Nacional de Literatura História e Memória. II Simpósio de Pesquisa em Letras da UNIOESTE. Disponível em: [http://cacphp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Seminario/seminario\\_releituras\\_4.pdf](http://cacphp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Seminario/seminario_releituras_4.pdf). Acesso em: 03 abr. 2009.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **A literatura infantil nos anos 70**. In: **Revista Tempo Brasileiro 63**: Literatura infante – juvenil. Outubro-Dezembro 1980. P. 26-33.

KHÉDE, Sonia Salomão. (Org.). **Literatura infante - juvenil**: um gênero polêmico. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

KRAMER, Sônia. **Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. Anais do Seminário Internacional da OMEP. Infância e educação infantil: reflexões para o início do século. Rio de Janeiro: Ravil, julho 2000. P. 34-53.

Disponível em:

<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/41/43>  
Acesso em: 18 mai. 2009.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Ana Maria Machado**: uma voz entre a repressão e a resistência. Revista Luminária; Volume 1, número 9, Julho de 2008. P. 51-59. Disponível em: <http://www.ieps.org.br/mirele.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: História e Histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Teoria literária, literatura infantil e Ana Maria Machado**. In: PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves.; ANTUNES, Benedito. (Orgs.). **Trança de Histórias**: a criação literária de Ana Maria Machado. São Paulo: Unesp, 2004. P. 11-22.

LEAHY, Cyana. **Livros Proibidos**: As Virgindades de Ercília. In: LYONS, Martyn. **A Palavra Impressa: histórias da leitura no século XIX**. [tradução Cyana Leahy]. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. P. 115-126.

\_\_\_\_\_. **Leitura no final do século XIX**: Um caso de controle pedagógico. In: LYONS, Martyn. **A Palavra Impressa: histórias da leitura no século XIX**. [tradução Cyana Leahy]. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. P. 89 -113.

\_\_\_\_\_. **Relembrando algumas premissas fundamentais**. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy et al. (Orgs.). **Democratizando a leitura**: Pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica; 2004. P. 199 – 218.

MACHADO, Ana Maria. Biografia. In site: [www.anamariamachado.com](http://www.anamariamachado.com) Acesso em: 24 mar.2009.

\_\_\_\_\_. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Esta força estranha:** Trajetória de uma autora. São Paulo: Atual, 1996.

\_\_\_\_\_. **Texturas:** sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Contracorrente** - conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **Raul da ferrugem azul.** Ilustrações Patrícia Gwinner. 9 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Praga de unicórnio.** Ilustrações de Humberto Guimarães. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **De Carta em carta.** Ilustrações de Nelson Cruz. São Paulo: Salamandra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Bento – que – bento – é – o – frade.** Ilustrações de Eva Furnari. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. **História meio ao contrário.** Ilustrações de Renato Alarcão. 25 ed. São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bisa bia, bisa bel.** Ilustrações de Regina Yolanda. 30 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Natal de Manuel.** Ilustrações de Denise & Fernando. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Do outro lado tem segredos.** Ilustrações de Gerson Conforto. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Gente bem diferente.** Ilustrações de Roger Mello. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso:** o princípio da pesquisa. 4 ed. Ijuí: Unijuí, 2001. (Coleção educação).

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** São Paulo: Cultrix, 1995. P. 84-168.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Traços pós-modernos em Ana Maria Machado:** uma vertente infantil do questionamento do poder. Revista Eletrônica do

Instituto de Humanidades. Volume IV, número XVI, janeiro – março 2006. Disponível em:

[http://www.unigranrio.br/unidades\\_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero16/texto/cristiane.html](http://www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero16/texto/cristiane.html). Acesso em: 08 mai. 2009.

\_\_\_\_\_. **Brincando de desconsertar o masculino:** um olhar sobre a produção para crianças de Ana Maria Machado. 2006. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Disponível em:<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/OliveiraCM.pdf>.

Acesso em: 31 mar. 2009.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. In: A produção da leitura e suas condições. 4 ed. 3ª. Reimpressão. Campinas, SP: Pontes, 2003. P.193-203.

PRADO, Amaya Obata Mouriño de Almeida. **Adaptação, uma leitura possível:** estudo sobre *Dom Quixote das Crianças*, de Monteiro Lobato. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. 2007.

Disponível em:[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss10\\_07.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss10_07.pdf). Acesso em: 23 abr. 2009.

RAMOS, Anna Claudia. **Nos bastidores do imaginário:** criação e literatura infantil e juvenil. São Paulo: DCL, 2006.

REVISTA VEJA. **A fada das letras.** 1654 ed. São Paulo: Abril-Junho. 2000.

Disponível em: [http://veja.abril.com.br/210600/p\\_158.html](http://veja.abril.com.br/210600/p_158.html) . Acesso em: 20 mai 2009.

SILVESTRE, Simone Michelle. **Sobre o ser escritor no discurso de Ana Maria Machado.** Disponível em:

[http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss06\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss06_06.pdf). Acesso em: 01 jun 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola.** 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.